

“A Medicina Contemporânea” – Um caso emblemático na imprensa médica portuguesa

Introdução.....	2
1 A génese da imprensa médica em Portugal	
1.1 - O nascimento da imprensa portuguesa.....	5
1.2 - Primeiros passos da imprensa médica lusitana.....	8
2 “A Medicina Contemporânea” – um caso emblemático	
2.1 - Contexto histórico em que surge.....	11
2.2 - Os fundadores: Miguel Bombarda, Sousa Martins, Manuel Bento de Sousa...14	
2.3- A primeira edição - 7 de Janeiro de 1883.....	17
2.4- A primeira edição no século XX - 7 de Janeiro de 1900.....	20
2.5- A última edição - Dezembro de 1974.....	24
2.6- A presença da publicidade num periódico especializado.....	25
3 Acontecimentos de referência na vida médica – o seu relato em “A Medicina Contemporânea”, numa perspectiva comparativa – imprensa especializada e imprensa generalista	
3.1 - 1897 – O óbito de Sousa Martins.....	30
3.2 - 1906 – O XV Congresso Internacional de Medicina, em Lisboa.....	35
3.3 - 1910 – O assassinato de Miguel Bombarda.....	48
3.4 - 1949 – A atribuição do prémio Nobel da Medicina a Egas Moniz.....	53
3.5 - 1955 – O óbito de Egas Moniz.....	55
Considerações Finais.....	58
Anexos.....	62
Bibliografia.....	69

Introdução

No âmbito do mestrado em Jornalismo da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, surgiu a oportunidade de, como trabalho de projecto, efectuar um estudo sobre a relevância que o hebdomadário “A Medicina Contemporânea” teve para a classe médica, em particular, e para os cidadãos, em geral, na sociedade portuguesa ao longo dos seus 92 anos de existência¹.

Como em qualquer área do saber, também os médicos sentiram necessidade de ter uma imprensa própria na qual pudessem partilhar conhecimentos e experiências, mantendo-se actualizados sobre o que se ia praticando e descobrindo nas suas várias especialidades. Para além disso, a sua voz poderia ser ouvida e os seus trabalhos um local para serem divulgados.

Ao longo da história, muitas foram as individualidades que realçaram a relevante importância desta imprensa específica. Numa comunicação proferida no Congresso Internacional da Imprensa Médica (Praga – 1967)², Paul Limbos³ declarou:

Actualmente, em diversas regiões em vias de desenvolvimento, assiste-se ao nascimento ou desenvolvimento de uma imprensa médica nelas redigida e publicada, de qualidade e níveis variáveis. (...) O papel da imprensa médica é pois capital e quase sempre insubstituível nos países em vias de desenvolvimento e a difusão das revistas médicas, sejam elas editadas in loco ou em países de antiga civilização, deve ser encorajada por todos os meios apropriados.

Podemos, grosso modo, dividir a imprensa médica em três grandes grupos:

- A generalista, onde todas as especialidades poderão encontrar espaço de divulgação, bem como qualquer outro assunto de interesse global para a classe médica.
- A específica – dirigida a uma especialidade médica em particular - como, por exemplo, os pneumologistas, os cardiologistas, os psiquiatras.

¹ Primeira edição (semanal): 7 de Janeiro de 1883; última edição (mensal): Dezembro de 1974.

² LIMBOS, Paul, O Papel da Imprensa Médica nos Países em Vias de Desenvolvimento, Separata de *O Médico*, 863: Porto, 1967, pp. 3 e 4.

³ Professor no Instituto de Medicina Tropical de Anvers.

- A corporativa – editada por diversas organizações, como a Ordem dos Médicos, associações de estudantes de medicina de uma dada faculdade, sindicatos, etc.

Importa sublinhar que, apesar de não estar muito estudada, a imprensa médica tem no nosso país uma expansão assinalável. Ao efectuar uma simples pesquisa sobre os títulos que existiram ou ainda existem na área da medicina em Portugal, poderemos ser agradavelmente surpreendidos com as centenas de títulos disponíveis.

Referentes ao período 1641-1910, só na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra existem 2245 títulos, grande parte dos quais de carácter científico. Tais publicações – discriminadas por ordem alfabética, quer por títulos, quer por localidades onde se publicaram – estão disponíveis para consulta⁴.

Todavia, entre tantos títulos, um há – como já referimos – que, apesar de já não ser editado, se destaca de todos os outros: “A Medicina Contemporânea”. É pois sobre a importância desta publicação que o nosso trabalho dirige a sua atenção.

Inúmeras razões poderiam ser apontadas como justificativas desta merecida distinção: a dimensão humana e científica dos seus fundadores – Miguel Bombarda, Sousa Martins e Manuel Bento de Sousa; a forma notável como contribuiu para manter actualizados os seus leitores para os avanços e progressos das ciências médicas; a justa divulgação e promoção dos contributos científicos dos seus congéneres lusitanos. Tudo isto e muito mais realizou este ímpar “hebdomadário de ciencias medicas” que, e isso não é menos importante, sempre soube acompanhar, de forma empenhada e militante, as vicissitudes de uma nação que, ao longo da existência deste periódico, foram ocorrendo.

No primeiro capítulo – “A génese da imprensa médica em Portugal” – começamos por fazer um breve relato do “nascimento da imprensa portuguesa”, a generalista, para depois nos debruçarmos sobre os “primeiros passos da imprensa médica lusitana”.

O objectivo deste capítulo é, de forma sucinta e clara, contextualizar este periódico, quer no período da sua redacção, quer na história da imprensa nacional.

No segundo capítulo – “A Medicina Contemporânea” – um caso emblemático – começamos por apresentar uma sumária descrição do “contexto histórico em que surge”

⁴ MARIANO VELOSO, Lúcia; MOTTA DE SOUSA, José Manuel, Publicações Periódicas Existentes na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, Biblioteca Geral da Universidade: Coimbra, 1983.

este órgão informativo, bem como uma breve biografia do seu trio de “fundadores”: Miguel Bombarda, Sousa Martins, Manuel Bento de Sousa”.

Em seguida, analisaremos, com razoável pormenor os conteúdos da sua “primeira edição - 7 de Janeiro de 1883”, da sua “primeira edição no século XX - 7 de Janeiro de 1900” e da sua “ última edição - Dezembro de 1974”. A concluir este capítulo, uma sempre curiosa análise da forma como se apresentava a “presença da publicidade num periódico especializado” como este, tomando, como objecto de estudo, a primeira década do século XX.

O objectivo deste capítulo é, acima de tudo, dar uma ideia de como, nestas cruciais fases da sua existência, se editava este órgão informativo.

No terceiro capítulo, “Acontecimentos de referência na vida médica – o seu relato em “A Medicina Contemporânea”, seleccionaremos cinco acontecimentos da área médica que, a nível nacional e não só, se revelaram de interesse público, e tentaremos comparar a exposição que lhes foi dada no jornal objecto do nosso estudo com outros órgãos da imprensa de referência – “Diário de Notícias” e “O Século”. Os acontecimentos seleccionados foram “O óbito de Sousa Martins”, “O XV Congresso Internacional de Medicina, em Lisboa”, “O assassinato de Miguel Bombarda”, “A atribuição do prémio Nobel da Medicina a Egas Moniz” e “O óbito de Egas Moniz”⁵.

A estrutura da análise de cada um destes itens será, após prévia apresentação dos trechos mais significativos tal qual foram publicados em “A Medicina Contemporânea”, apresentar um resumo dos títulos e destaques das mesmas notícias publicadas nos dois periódicos generalistas seleccionados – “Diário de Notícias” e “O Século”, concluindo com uma breve análise comparativa das diferentes abordagens.

Nas considerações finais, para além de um balanço conclusivo do estudo realizado, deixaremos algumas pistas, interrogações, para eventuais pesquisas futuras, inspiradas neste trabalho, sobre este tão fascinante assunto que, sem dúvida alguma, é merecedor de olhares mais profundos que tragam ao conhecimento público inúmeros factos da nossa história recente, por enquanto apenas conhecidos por um reduzido número de investigadores.

⁵ Os acontecimentos escolhidos têm como critério o facto de terem sido importantes a nível da vida nacional e da medicina portuguesa.

1. A génese da imprensa médica em Portugal

1.1. O nascimento da imprensa portuguesa

O início formal da imprensa portuguesa, terá, como veremos adiante, ocorrido em 1641. No entanto, já tinham surgido, anteriormente, alguns veículos precursores desta prática⁶:

Em Portugal, a primeira folha noticiosa manuscrita de que se tem conhecimento aparece com o título Notícias da Infelicidade da Armada de Sua Majestade Que Escreveu o Mestre de Santa Catarina, datada de 19 de Outubro de 1588 e que, em duas páginas, dava informações sobre a destruição da Armada Invencível. (...) O progresso da tipografia, a melhoria das comunicações e o interesse do público fomentaram a publicação das primeiras folhas noticiosas impressas ou relações como eram conhecidas em Portugal (...) A primeira delas foi a Relação do Lastimoso Naufrágio da Nau Conceição Chamada Algaravia a Nova de que Era Capitão Francisco Nobre a Qual Perdeu nos Baixos de Pero dos Banhos em 22 de Agosto de 1555, impressa em Lisboa em 1556, portanto anterior à primeira folha manuscrita que se conhece.

José Manuel Tengarrinha⁷ menciona ainda os “almanaques”, como primeiras publicações periódicas, embora sem carácter jornalístico, referindo o “Almanach Perpetuum”, editado em Leiria em 1496, escrito em hebraico por Abraão Zacuto e traduzido para latim pelo seu discípulo José Vizinho, como o pioneiro português desse tipo de publicações.

Tengarrinha refere ainda outros tipos de publicações na mesma linha: reportórios, calendários e prognósticos⁸.

Entrando no século XVII, adianta Rodriguez⁹:

⁶ PIZARROSO QUINTERO, Alejandro, PENA RODRIGUEZ, Alberto, “História da Imprensa”, Planeta Editora: Lisboa, 1996, p. 351.

⁷ TENGARRINHA, José, História da Imprensa Periódica Portuguesa, Ed. Caminho: Lisboa, 1989, p. 31.

⁸ Idem, pp. 31 e 32.

⁹ PIZARROSO QUINTERO, Alejandro, PENA RODRIGUEZ, Alberto, “História da Imprensa”, Planeta Editora: Lisboa, 1996, p. 352.

Estes antecedentes estão na base do aparecimento das chamadas Gazetas da Restauração, com conteúdos mais informativos. A primeira delas (...) que se tornou no primeiro jornal português, foi a Gazeta em Que se Relatam as Novas Todas que Houve Nesta Corte e Que Vieram de Vários Portos no Mês de Novembro de 1641, publicada em Lisboa com privilégio real concedido a Manuel de Gallegos e inspirada na Gazette de France.

As Gazetas da Restauração tinham uma difusão muito restrita devido ao seu elevado preço e ao baixíssimo nível cultural da população, estando ainda submetidas a regras de censura prévia estabelecida por D. João IV na lei de 29 de Janeiro de 1643.

Por altura da publicação dos primeiros títulos de imprensa lusitana, Portugal estava ainda sob o jugo de Castela (1580-1640). Assim sendo, seria de esperar que, tal como agora em tanto país acontece, o poder instituído – neste caso a dinastia filipina – não veria com bons olhos a existência desta imprensa – as ditas gazetas, alegadamente “nacionalistas”, como descreve Tengarrinha¹⁰:

No segundo quartel do século XVII multiplicaram-se as folhas volantes, algumas das quais, pretendendo levantar a opinião pública contra o domínio espanhol, eram passadas clandestinamente debaixo da capa. Apercebendo-se do efeito que exerciam, Filipe III impõe-lhes severas limitações por Carta Régia de 26 de Janeiro de 1627 dirigida ao chanceler-mor do reino, Cristóvão Soares: «De alguns anos a esta parte se tem introduzido nessa cidade escrever e imprimir relações de novas gerais; e porque em algumas se fala com pouca certeza e menos consideração, de que resultam graves inconvenientes, ordenareis que se não possam imprimir sem as licenças ordinárias, e que antes de as dar se revejam e examinem com particular cuidado.

Nascia a “censura” então, em 1627. Mas, já por esta época havia uma espécie de imprensa (pasquins), quase sempre anónima, cujo único objectivo era atingir alguém, pessoa ou entidade, revelando factos, verdadeiros ou não, que poriam o visado mal

¹⁰ TENGARRINHA, José, História da Imprensa Periódica Portuguesa, Editorial Caminho: Lisboa, 1989, p. 30.

visto, primeiramente junto de quem os lia, depois da opinião pública em geral, dada a facilidade com que então já se espalhavam notícias e boatos¹¹.

Apesar da Restauração, este conflito entre o “quarto poder” e o poder instituído manteve-se¹². Em Novembro de 1641, apareceu a “A Gazeta de Lisboa”. Publicava-se mensalmente, tinha privilégio real e era impressa na oficina de Lourenço de Anvers. Se por um lado alimentava a “chama patriótica”; por outro, ao diferir, por vezes, das informações diplomáticas oficiais, originava rumores na opinião pública. Após uma breve suspensão em 1642, foi rebaptizada de “Gazeta da Restauração”, mas acabou por deixar de se publicar em 1647, por “motivos não de todos claros”¹³.

Entre Janeiro de 1663 e Julho de 1667, publicou-se o “Mercurio Portuguez”, sob a direcção de António Sousa de Macedo, considerado o primeiro jornalista português pelo “seu estilo conciso, a sua ampla cultura e a vontade de dar informação de vários pontos de vista”¹⁴.

Serrão, na sua qualidade de historiador, não tem a mínima dúvida que a análise deste periódico é “fonte indispensável para o conhecimento dos sucessos do tempo”¹⁵. Com o fim do “Mercurio Portuguez”, não existiu qualquer outra publicação periódica até ao final do século XVII.

¹¹ Idem, p.30.

¹² VERÍSSIMO SERRÃO, Joaquim, História de Portugal – vol. V, Editorial Verbo: Lisboa, 1977, p. 170.

¹³ Idem, p.170.

¹⁴ PIZARROSO QUINTERO, Alejandro, PENA RODRIGUEZ, Alberto, “História da Imprensa”, Planeta Editora: Lisboa, 1996, p. 352.

¹⁵ VERÍSSIMO SERRÃO, Joaquim, História de Portugal – vol. V, Editorial Verbo: Lisboa, 1977, p. 170.

1.2. Primeiros passos da imprensa médica lusitana

Para Fátima Nunes, a história da imprensa médica lusitana é menos antiga que a da imprensa generalista, a qual, como se apontou no capítulo anterior, remonta a 1641: “A imprensa médica, cuja especialização se iniciou nos finais do século XVIII, permitiu obter um amplo quadro de referências para a comunidade científica portuguesa efectuar um trabalho de produção de leituras científicas, em diversos registos, procurando ir ao encontro dos vários sectores da imprensa portuguesa”¹⁶.

Chegaram até nós obras médicas de relevo histórico, referências ímpares para a História da Medicina portuguesa, que nos revelam também uma forma de circulação do conhecimento médico. Um bom exemplo do exposto são as “Centúrias das Curas Medicinais”, da autoria do médico português Amato Lusitano¹⁷. Para muitos, esta obra constitui um dos maiores legados científicos, para a medicina em particular, ao descrever, de forma pormenorizada, 700 curas terapêuticas.

Para a história, Amato Lusitano fica como o maior vulto da medicina no século XVI, dado ter sido um ilustre erudito e um dedicado clínico.

João José Cúcio Frada aponta mais exemplos de registos elaborados por médicos portugueses que, dado ainda não haver imprensa médica na época em que viveram (século XVI), acabavam por se revelar como uma importantíssima forma de divulgar e partilhar os seus estudos e trabalhos na área da medicina¹⁸: Tomé Pires¹⁹, Garcia da Orta²⁰ e Cristóvão da Costa²¹.

¹⁶ NUNES, Maria de Fátima, *A Imprensa especializada na segunda metade do século XIX em Portugal*, Estudos de Homenagem a Luís António de Oliveira Ramos, Faculdade de Letras da Universidade do Porto: Porto, 2004, p. 799.

¹⁷ Amato Lusitano (1511-1569) nasceu em Castelo Branco e estudou medicina em Salamanca, tendo passado grande parte da sua vida fora do país onde nasceu. Isto porque, dado ter origem judaica, foi perseguido pela Inquisição. Vendo-se impedido de voltar a Portugal, viajou pela Europa, chegando a ser médico do papa Júlio III. Acabou por se refugiar, dada a intensificação da perseguição anti-semita por parte do Santo Ofício que lhe foi movida, no império otomano.

¹⁸ CÚCIO FRADA, João José, *História, Medicina e Descobrimentos Portugueses*, Revista ICALP, vol. 18, Dezembro de 1989, pp. 63 a 73.

¹⁹ PIRES, Tomé, *Suma Oriental*

²⁰ GARCIA DA ORTA, *Colóquios dos Simples e Drogas e Coisas Medicinais da Índia*.

²¹ COSTA, Cristóvão da, *Tratado das Drogas e Medicinas das Índias Orientais*.

Mais exemplos, nesta linha, poderiam ser enumerados. Mas, como já foi exposto – embora haja trabalho de investigação, desejo de comunicar com o público, médico ou não, partilhando informação e conhecimentos – não podemos considerar estes trabalhos como jornalísticos, mas sim de divulgação científica. Isto porque a forma da sua publicação – como já referimos – não se insere naquela que, em termos de imprensa, se deve considerar, pois foram dados à estampa na forma de livros e não de periódicos.

No entanto, em termos de conteúdos produzidos, cada um destes autores citados acabou por fazer, à sua maneira, um trabalho jornalístico, na linha do que actualmente se considera ser “citizen journalism” (jornalismo participativo).

Para Tengarrinha, o século XIX foi indiscutivelmente o «século dos periódicos»²². Mas tudo terá tido a sua origem na segunda metade do século XVIII. Assegura que “um dos fenómenos mais interessantes a que se assiste neste período é o desenvolvimento da imprensa especializada”²³. Fundamenta a sua convicção afirmando que entre 1749 e 1807 apareceram em Portugal 11 jornais literários e musicais, 7 científicos, 6 históricos, 3 comerciais, 2 de agricultura e 1 feminino²⁴. Com origem ainda no século XVIII, elege o *Diário Universal de Medicina Cirurgia e Farmácia* (Lisboa, 1764 e 1772) e o *Ano Médico* (Porto, 1796), como exemplos desse tipo de publicações, de carácter médico²⁵.

Já José Mattoso, indica o *Jornal de Coimbra* (1812-1820) como um baluarte da cultura científica pois “reflecte a matriz do Iluminismo Reformista”. Remete-nos para o seu “prospecto de publicitação (que) anuncia a intervenção em várias áreas”, sendo a medicina uma delas²⁶.

Mattoso cita António Feliciano de Castilho que, em 1841, terá afirmado, em defesa da divulgação do conhecimento: “Este século é tão destruidor como criador. Matou a livraria e pôs em seu lugar o jornalismo. Assim devia ser, porque este século é

²² TENGARRINHA, José, *História da Imprensa Periódica Portuguesa*, Ed. Caminho: Lisboa, 1989, p. 52.

²³ Idem, p. 52.

²⁴ Idem, p. 52.

²⁵ Idem, p. 52.

²⁶ MATTOSO, José, *História de Portugal*, Quinto Volume, Editorial Estampa: Lisboa, 1992, p. 692.

popular. Os livros eram a muita ciência para poucos homens; os jornais são um pouco de ciência para todos”²⁷.

Aponta ainda, como outras referências para além do *Jornal de Coimbra*, outros periódicos de carácter científico como exemplos dessa inovadora democratização do saber os seguintes títulos: *Annaes das Sciencias, das Artes e das Letras* (1810-1822), *O Investigador Português em Inglaterra* (1812-1825) e o *Jornal da Sociedade das Ciências Médicas* (1835)²⁸.

Sobre este último, consultando a obra *A Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa e os seus presidentes (1835-2006)*²⁹, encontramos alguns dados interessantes sobre as origens deste periódico, considerado o decano da imprensa médica:

Com efeito, implantado em Maio de 1823 o poder absoluto na capital, a Sociedade foi considerada como foco de conspiração e protesto contra a «política realista triunfante» pelo que teve de interromper os seus trabalhos. Muitos dos seus membros foram perseguidos e acolheram-se no exílio em França e Inglaterra. A guerra civil que se seguiu e as epidemias de cólera e de tifo que grassaram no País, retardaram a restauração da Sociedade. Em 16 de Maio de 1835 surge um aviso do Diário do Governo convidando os médicos, cirurgiões e farmacêuticos para se reunirem na sala das sessões da Associação Mercantil Lisbonense, com o fim de instaurar de novo a Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa.

E assim surge o *Jornal da Sociedade das Ciências Médicas*.

²⁷ Idem, p. 692.

²⁸ Idem, p. 692.

²⁹ TORRES PEREIRA, Artur, SILVEIRA BOTELHO, Luís, SOARES, Jorge, *A Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa e os seus presidentes (1835-2006)*, Fundação Oriente: Maia, 2006, p. 16.

2. “A Medicina Contemporanea” - um caso emblemático

2.1. O contexto histórico

Na segunda metade do século XIX, viveram-se tempos muito conturbados em Portugal. Uma renovação de mentalidades – com reflexos políticos, sociais e culturais na vida lusitana – causaram uma série de incidentes que, como corolário desse vivo desejo de mudança, acabariam por levar à queda da monarquia, em 1910.

Como o hebdomadário, “A Medicina Contemporanea” é publicado, pela primeira vez, em 1883 acaba por, inserindo-se no contexto histórico e social, ser um produto desse período revolucionário, como justificaremos a seguir. Alberto Pena Rodriguez relata esses acontecimentos³⁰: “Com a revolta de Maria da Fonte, em Abril de 1846, e a guerra civil, o governo decidiu suspender os jornais através do decreto de 7 de Outubro de 1846, sendo apenas autorizados o Diário do Governo e as publicações científicas e literárias. Esta situação deu lugar ao aparecimento de um importante número de jornais clandestinos (...) O culminar das medidas repressivas contra a imprensa chegou com a promulgação da popularmente conhecida «Lei da Rolha», em 3 de Agosto de 1850, na qual se fizeram multas e penas de prisão para jornalistas e com a qual o governo podia encerrar qualquer jornal se visse indícios de que as suas informações alteravam a ordem pública.”

Só que o pensamento republicano já germinava nas mentes dos “revolucionários”, constituindo a imprensa um natural e substantivo veículo de difusão de tais ideais, sendo “a imprensa republicana, muito divulgada e combativa em Portugal durante esse período”³¹.

Assim, por altura da génese de “A medicina Contemporanea”, o país estava num efervescente estado de ebulição, e não será por acaso que o seu trio de fundadores estivesse imbuído desse espírito revolucionário.

O republicanismo e o anarquismo erodiram a estabilidade do regime monárquico constitucional e, para os combater, os governantes utilizaram meios repressivos que afectaram muito as publicações periódicas no ultimo quarto de

³⁰ PIZARROSO QUINTERO, Alejandro, PENA RODRIGUEZ, Alberto, “História da Imprensa”, Planeta Editora: Lisboa, 1996, pp. 359 e 360.

³¹ Idem, p. 361.

*século. As perseguições e as suspensões de jornais sucederam-se a um ritmo cada vez mais acelerado com a promulgação do decreto de Março de 1890, que amordaçou a liberdade de imprensa existente durante o período constitucionalista*³².

Mas, como assinala Joaquim Veríssimo Serrão, para além de revolucionária, esta época fica marcada por uma notável evolução cultural, espelho do espírito, da vontade e da mentalidade dos agentes promotores dessa transformação³³: “Poucas épocas da história portuguesa, como o período da Regeneração, foram tão recheadas de acontecimentos de interesse cultural. (...) Defendendo não haver fronteiras de nacionalidade para o pensamento, a segunda metade do século XIX pretendia conciliar os progressos da civilização com o legado humanístico, mostrando assim que a cultura não podia assentar mais no saber teórico, pois tinha de abarcar igualmente a ciência positiva”³⁴.

Fátima Nunes³⁵ concretiza mesmo essa revolução, no caso concreto da “imprensa periódica científica”, fazendo menção de alguns acontecimentos precursores de tal mudança, com especial destaque, para o “aparecimento da revista O Panorama (1837) que, sob a direcção de Alexandre Herculano trouxe os novos ventos dos exilados para lá dos Pirenéus, tendo criado uma gramática de imprensa cultural e científica para os leitores portugueses”.

A autora explica, referindo a forma, quase sistemática, como qualquer instituição cultural e científica da época sentia a premente necessidade de ter uma voz que traduzisse o seu pensar e divulgasse as suas acções³⁶: “Instituições, veículos e personalidades culturais da sociedade portuguesa tiveram um papel importante na transmissão, difusão e popularização das imagens, linguagens conhecimentos e temáticas científicas. A cada instituição correspondia uma publicação (...) que veiculava, em diferentes níveis de linguagem, o que essa comunidade científica pensava/inovava, divulgava, estabelecia contactos com a internacionalização dos

³² Idem, p. 363.

³³ VERÍSSIMO SERRÃO, Joaquim, História de Portugal – vol. IX, Editorial Verbo: Lisboa, 1977, p. 7.

³⁴ Idem, p. 297.

³⁵ Fátima Nunes, A Imprensa especializada na segunda metade do século XIX em Portugal, Estudos de Homenagem a Luís António de Oliveira Ramos, Faculdade de Letras da Universidade do Porto: Porto, 2004, p. 799.

³⁶ Idem, p. 799.

saberes e a mundialização da Ciência, particularmente relevante num país de produção científica considerada periférica, como é o caso de Portugal num contexto ibérico.”

Joaquim Veríssimo Serrão considera que o ponto de viragem definitivo, no agitado cenário que então se vivia foram as “Conferências do Casino Lisbonense” (1871) que “tiveram larga audiência na opinião pública”. Considera mesmo que fizeram cair o governo e “encheram de entusiasmo as classes mais cultas da população pois o País vivia alheado das grandes preocupações intelectuais do seu tempo”³⁷.

Serrão apresenta-nos mesmo as principais determinações dos participantes das “Conferências do Casino”³⁷: “Ligar Portugal com o movimento moderno, fazendo-o assim nutrir-se dos elementos vitais de que vive a humanidade civilizada; procurar adquirir a consciência dos factos que nos rodeiam na Europa; agitar na opinião pública as grandes questões da Filosofia e da Sciencia moderna e estudar as condições de transformação política, económica e religiosa da sociedade portuguesa”³⁸.

Mas, mais uma vez, o poder político actuou com o firme intuito de silenciar vozes contrárias: “Por decisão do Governo do marquês de Ávila e Bolama, as Conferencias foram proibidas sob a alegação de que atacavam a Religião e as instituições políticas do estado”³⁹. Isto punha em causa o “direito de reunião”, o que “suscitou os mais vivos protestos, tanto no Parlamento como na opinião pública. Os vários conferentes verberaram a atitude do Governo num abaixo-assinado, mas a proibição manteve-se”⁴⁰.

Serrão aponta mesmo alguns vultos da cultura portuguesa que considera serem “filhos desta revolução”, entre os quais José Tomás de Sousa Martins e Manuel Bento de Sousa⁴¹. Se a estes dois nomes juntarmos o de Miguel Bombarda, que, posteriormente, viria estudar medicina para Lisboa, tendo-se então naturalizado português, temos reunido o trio fundador de “A Medicina Contemporanea”.

³⁷ VERÍSSIMO SERRÃO, Joaquim, História de Portugal – vol. IX, Editorial Verbo: Lisboa, 1977, p. 300.

³⁸ Idem, 301.

³⁹ Idem, 302.

⁴⁰ Idem, 302.

⁴¹ Idem, 303.

2.2. Os fundadores: Miguel Bombarda, Sousa Martins e Manuel Bento de Sousa

O trio fundador deste “hebdomadário de ciencias medicas”, denominado por “Medicina Contemporanea”, era constituído por três ilustres personalidades com grande prestígio na medicina e na cultura portuguesas.

Os breves dados biográficos a seguir apresentados, mais não são que um esboço das suas produtivas carreiras, mas, mesmo assim, traduzem a essência das vidas destes vultos da cultura e ciência portuguesas. Nos casos de Miguel Bombarda e Sousa Martins, dado que adiante seleccionámos dois acontecimentos marcantes para análise comparativa, seria redundante uma maior exposição biográfica neste capítulo.

Miguel Bombarda (1851-1910)

Nasceu no Rio de Janeiro, a 6 de Março de 1851. Rumou a Lisboa e, em 1877, naturalizou-se português, terminando também a sua formação em medicina. Em 1892, foi indigitado director do Hospital Psiquiátrico de Rilhafoles, que mais tarde viria a ter o seu nome.

Em 1906, como secretário-geral do XV Congresso Internacional de Medicina realizado em Lisboa, adquiriu extraordinária notoriedade, dado o sucesso mundial desse evento e a extraordinária promoção que conseguiu fazer da medicina e da cultura portuguesas.

Em 1909, aderiu ao Partido Republicano, desiludido com a sua experiencia como deputado monárquico eleito no ano anterior, pela mão do seu amigo Ferreira do Amaral. Em Agosto de 1910, foi eleito deputado republicano e tornou-se membro do comité revolucionário para implantação da República em Portugal, sendo considerado o seu chefe civil. Foi assassinado, a 3 de Outubro, por um doente, poucas horas antes do início da revolta.

José Thomaz de Sousa Martins (1843-1897)

Nasceu em Alhandra, a 7 de Março de 1843. De origens humildes, ficou órfão de pai aos sete anos. Aos doze anos, foi trabalhar como praticante para a Farmácia Lusitana, que era propriedade de um seu tio, na Rua de São Paulo, em Lisboa.

Concluiu, em 1864, o seu curso de farmacêutico. Dois anos depois, formou-se em Medicina, curso que iniciara em 1861. Em 1868, foi nomeado demonstrador da secção médica da Escola de Lisboa e nesse mesmo ano foi eleito sócio da Sociedade de Ciências Médicas. Posteriormente, foi designado lente da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa e, dois anos mais tarde, médico extraordinário do Hospital de S. José e anexos.

Ao longo da sua curta vida exerceu inúmeros cargos: Delegado de Portugal nas Conferências Sanitárias Internacionais de Viena (1874) e de Veneza (1897), onde foi eleito para a vice-presidência; Secretário e bibliotecário da Escola Médico-Cirúrgica (1873-1876) e Director efectivo da Enfermaria de S. Miguel, do Hospital de S. José (1883).

Foi ainda membro de múltiplas organizações, nacionais e internacionais, integrando várias comissões na Sociedade de Geografia de Lisboa; na Sociedade Farmacêutica Lusitana, da qual foi sócio honorário e benemérito; e na Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa, da qual foi membro titular.

Foi sócio fundador da Associação dos Jornalistas e Escritores Portugueses. Colaborou na Gazeta Médica de Lisboa, no Jornal da Sociedade Farmacêutica Lusitana, no Jornal da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa, na Revista Médica Portuguesa, na Revista Ocidental, na Medicina Contemporânea, no Diário ilustrado e na Enciclopédia Popular, tendo deixado uma vasta e notável bibliografia no campo da medicina.

Faleceu em Alhandra, a 18 de Agosto de 1897, vítima de tuberculose pulmonar, a doença pela qual tinha lutado, procurando investigar a sua cura.

Dadas as suas elevadas qualidades humanas, reforçadas pelo seu carácter profundamente altruísta, o povo prestou-lhe culto na sua estátua, no Campo Mártires da Pátria (vulgo Campo de Santana).

Manuel Bento de Sousa (1835-1899)

Nasceu no Porto em 1835, mas, ainda criança, veio viver para Lisboa, onde se formou em medicina em 1860.

Quatro anos depois, entrou para a Escola Médica como demonstrador da secção cirúrgica, funções que desempenhou até 1875, ano em que foi nomeado lente substituto,

regendo o curso prático de anatomia. Em 1876, foi promovido a lente proprietário da cadeira de Clínica Cirúrgica. Em 1881, passou a reger a cadeira de Anatomia, tendo-se jubilado e aposentado do Hospital de S. José em 1886. Neste hospital, foi cirurgião de banco, cirurgião extraordinário e director de enfermaria.

Foi presidente da “Sociedade de Sciencias Medicas”, e sócio de mérito da mesma instituição. Exerceu ainda o cargo de presidente da Assembleia Geral da Associação de Médicos Portugueses.

Faleceu a 29 de Abril de 1899⁴².

⁴² Na Faculdade de Ciências Médicas - no Campo Mártires da Pátria, em Lisboa – existe, num pátio interior, um busto seu, homenagem de todos aqueles que com ele privaram e, assim, o quiseram perpetuar para que as gerações vindouras, em especial os estudantes de medicina que com ele se cruzam todos os dias, dele sempre se recordem.

2.3- A primeira edição - 7 de Janeiro de 1883

A primeira edição de “A Medicina Contemporanea” saiu a 7 de Janeiro de 1883. Tinha oito páginas. Como Presidente da redacção – sita na Rua do Crucifixo, 81, 1º – surgia Manuel Bento de Sousa. Mais onze nomes – a nata da sociedade médica de então – integravam a redacção⁴³.

À guisa de editorial, logo na primeira página, é feito um balanço da então actual situação da medicina portuguesa. A prosa, acutilante e mordaz, mais parece um libelo político. Tal não é de estranhar pois, como atrás se especificou, vivia-se uma época conturbada, onde a imprensa generalista, de pendor republicano, era bastante reprimida. Deste modo, de forma subtil, o governo e a coroa – sem serem directamente mencionados – acabavam por ser apontados como os responsáveis pelo estado em que a medicina lusitana se encontrava. Vejamos alguns extractos elucidativos⁴⁴:

Portugal é, na questão sugeita, um paiz pobre com apparencia de rico; rico na sua apparencia porque se infatua com a ostentação de trez escolas de medicina, pobre na realidade, porque não pode dotar convenientemente qualquer d'ellas. (...) O ensino, portanto, é deficiente e debalde procura o professorado tornal-o completo, pois que, as mais das vezes, tem de substituir o processo pratico importante, pelas simples noticia d'elle. (...) Honra a estes benemeritos que só elles nos livram de que possa dizer-se, que em Portugal ha medicos e não ha medicina!

O que resulta d'aqui, é que, ao sair das aulas, o medico novo entra na vida reccioso e desconfiado de si; e, porque tal situação não pode durar, sae d'ella por um de dois caminhos: ou se abandona á vida humilde de medicastro em bairro escuso, ou sente em si os impulsos de uma organização superior para que suba mais alto, e eil-o que entra de novo nas cancelas do estudo, para se formar a si mesmo para as responsabilidades da profissão.

Mais adiante, o editorial assegura que os principais objectivos da criação da “A Medicina Contemporanea” residem, por um lado, na ajuda à classe médica em se

⁴³ António Maria de Senna, Bettencourt Raposo, Carlos Tavares, Curry Cabral, Daniel Ferreira de Mattos, J. A. Serrano, Miguel Bombarda, Oliveira Feijão, Sabino Coelho, Sousa Martins e V. de Saboya.

⁴⁴ Todos os extractos constantes deste subcapítulo foram retirados da primeira edição do hebdomadário “A Medicina Contemporanea”, Hebdomadário Portuguez de Sciencias Medicas, 7 de Janeiro de 1883.

manter actualizada; por outro, em ser uma voz activa dos seus profissionais, para os quais, genericamente, este órgão informativo se dirige.

O editorial termina, reconhecendo haver mais vozes nesta luta pela valorização da medicina portuguesa, com as quais não pretende entrar em despiques inúteis, mas sim manter um cordial relacionamento, a bem do progresso por todos ambicionado:

Não pensam os redactores que este plano seja original, e que por mais ninguém, antes d'elles, fosse seguido em tentativas do mesmo genero. Muito pelo contrario reconhecem que outros tem precedido em analogas empresas, e vêem n'isso que o mesmo pensamento domina, ha muito, os medicos nacionaes, que a mesma necessidade tem sido sempre por todos sentida.

E em atenção à grandeza do fim, a Medicina Contemporanea quer e procurará travar com outros jornaes, seus congeneres, uma camaradagem leal e não uma rivalidade damninha!

Em seguida, numa secção do jornal intitulada “Trabalhos originais”, num artigo de Carlos Tavares denominado “Contribuição para o estudo anatomico do nervo de Wrisberg”, que se estende quase por quatro páginas, o autor, pelo meio da prosa técnica que o título do trabalho indicia, não se coíbe de criticar ferozmente aquilo que ele entende por ser o mal da sociedade portuguesa de então:

Portuguez que sou e presando-me de o ser, revolto-me contra essa altivez e soberania, que não passam de uma fatuidade ridícula com que se pretende encobrir a nossa indolencia e pensar o herpes que nos vai roendo com voracidade verdadeiramente assombrosa. Mas para as nações corruptas o acido phenico que as livra da septicemia, a única força que as arranca do caminho que conduz ao aniquilamento, não é a ostentação vaidosa das glorias que passaram, - é esta simples cousa, tão desadorada pelos portugueses, e que tem nome – trabalho. Dizia não há ainda muitos dias um eminente escriptor portuguez “há homens que derivam dos antepassados todo o merito – são como vermes que vivem das ossadas sepulchraes.

E nem os portugueses são poupados à sua fina e sagaz ironia: “Em Portugal ha verdadeiramente dois grupos distinctos de patriotas: uns que tudo louvam e outros que

tudo criticam. Mas tão inúteis são os primeiros, que engrandecem o que é de si decadente, como os segundos que tudo criticam e nada corrigem.”

Completam esta primeira edição, na secção “Therapeutica”, um artigo de Sousa Martins intitulado “Uma contra-indicação da pilocarpina na molestia de Bright” e outro, na secção “Revista de Jornaes”, intitulado “Tratamento do epíploon herniado na taxis descoberta”.

Na rubrica “Variedades”, sob a forma de pequenas notícias, dá-se conta das nomeações, em Diário do Governo, de professores universitários; das ocorrências recentes nos hospitais de Lisboa; de “noticias officiaes” e, na necrologia, do óbito de Miguel Costa Santos.

A edição termina com duas tabelas de dados relativos à semana anterior: uma de “Observações Meteorológicas”, registadas no “Observatorio do Infante D. Luiz”, onde constam dados sobre a pressão barométrica, temperaturas máxima e mínima, chuva caída, vento, evaporação e ozono; outra sobre a “Mortalidade de Lisboa”, sendo discriminadas as diversas causas das mortes, num total de 120 óbitos. Como se constata, as observações do quotidiano não escapavam ao relato da medicina.

2.4- A primeira edição no século XX - 7 de Janeiro de 1900

Por esta altura, a “Medicina Contemporanea” apresentava, nos primeiros números de cada ano, um balanço sobre os “progressos da medicina” ocorridos no ano anterior, bem como dava nota das polémicas e diferendos ocorridos na classe médica e científica. Vejamos alguns trechos que ilustram essa prática.

Até indicação em contrário, os extractos que vão sendo apresentados foram retirados da primeira edição da “A Medicina Contemporanea” de 1900⁴⁵.

A especialidade “Cirurgia” coube a Clemente Pinto que termina o seu artigo, com uma nota de prudente optimismo, fazendo uma extrapolação do balanço do ano de 1899 para o ano que então começava: “Dominou a ancia de, melhor fazer e menos prejudicar. Intuito humanitario de bem exercer o sacerdocio inspirou os cirurgiões no anno findo. Creio que por outra bussola não se nortearão no que começa. E oxalá que desatinos cegos e impulsos apaixonados não façam amanhã sangrar o meu horóscopo optimista”.

Sobre “Gynecologia” escreveu Sabino Coelho que, entre outros temas, relata, como “nota cómica,” o comportamento “pueril dos medicos alemães e austríacos” que, na véspera da abertura do Congresso de Amesterdão se retiraram do mesmo, “ficando sem effeito relatórios (...) que tinham sido a tempo distribuídos”. Tudo isto porque Treub, presidente do Congresso, afirmara que “sob o ponto de vista científico os holandeses não deviam ficar debaixo da hegemonia allemã”.

Fazendo um balanço sobre como decorreu o ano anterior na especialidade “Psychiatria”, escreveu Magalhães Lemos, dando destaque ao tema que parece ter sido predominantemente discutido no seio da comunidade psiquiátrica, no ano de 1899: a “paralysia geral”.

Magalhães Lemos apresenta mesmo uma síntese do muito que se discutiu, escreveu e debateu sobre este fascinante tema da “paralysia geral”: “o individuo que herdar um cerebro fraco, que o excitar com alcool e que contrair a syphilis corre graves riscos de fazer a paralysia geral. (...) Se o paralytico geral fôr um vesanico ou um alcoolico, é evidente que poderá transmitir esta tara aos descendentes, se fôr syphilitico,

⁴⁵ A Medicina Contemporanea, Hebdomadário Portuguez de Sciencias Medicas, 7 de Janeiro de 1900.

os filhos procreados depois da infecção não pódem julgar se a coberto da syphilis hereditaria; se fôr um paralytico simples, os descendentes pouco podem reçar”.

As especialidades médicas prosseguem nos números seguintes, mas nesta primeira edição de 1900 há ainda um conjunto de artigos dignos de ser analisados, inseridos em rubricas que são presença constante nas edições do periódico nesta altura.

Na que é intitulada “Actualidades profissionaes e interesses públicos”, o primeiro artigo dá-nos conta da criação da “Junta central dos melhoramentos sanitarios”, responsabilidade do “ministério das obras publicas”, enunciando as suas funções e áreas de actuação.

Segue-se um artigo Intitulado “A peste em Portugal”, onde é apresentado um breve balanço sobre as ocorrências desta doença, na última semana de 1899, outro de titulo “Fiscalisação do leite”, que dá conhecimento de um decreto publicado do Diário do Governo, a 28 de Dezembro, relativo “á fiscalização da venda de leites e lacticínios”; terminando com uma rubrica designada por “Variedades” onde se dão informações sobre o Prémio Alvarenga e se publica ainda a “estatística mortuária e meteorológica de Lisboa”, relativas à semana de 24 a 30 de Dezembro de 1899. Da primeira, são apresentadas, de forma exaustiva os dados estatísticos de cada uma das causas do óbito – Phthisica à cabeça com 20 mortes registadas, num total de 187, às quais devem ser abatidos 15 nados mortos. Da segunda, são indicados, para cada um dos dias da semana, os valores registados da pressão barométrica, as temperaturas máxima e mínima, a precipitação (“chuva caída”), (origens cardeais dos) ventos e dados sobre a evaporação e ozono.

Para termos uma ideia mais concreta do que se publicava, por esta altura, no semanário “A Medicina Contemporanea”, vejamos mais alguns textos, recolhidos de outras edições deste ano de 1900.

Na edição de 11 de Fevereiro de 1900, na secção “*Observações clinicas e casos medico-legais*”, merece destaque um relatório elaborado por Miguel Bombarda, para fins judiciais, intitulado “*Confusão mental primitiva. Crime de assassinato*”, que, pela

qualidade do texto e riqueza descritiva, bem poderia figurar em qualquer diário generalista da actualidade, na secção “Crime”. Uma foto do assassino ilustra o artigo⁴⁶.

Na edição de 11 de Março de 1900⁴⁷, a encher a primeira página surge uma foto do monumento a Sousa Martins. Em páginas seguintes, são mostradas as duas faces da medalha comemorativa dessa inauguração, bem como uma foto do homenageado. No entanto, este monumento viria a ser substituído, posteriormente, por outro, em 1904.

Num artigo intitulado “Sousa Martins”, João Jacintho da Silva Correia enaltece o homenageado⁴⁸, louvando a “espontanea gratidão que às suas extraordinarias qualidades d’espírito e de coração lhe é tributada por todas as camadas sociaes”. Lembra que “Sousa Martins tinha sido uma das glorias de Portugal e da sciencia e, além d’isso, um perfeito homem de bem, sobremaneira notavel pela sua illimitada caridade”. Realça as suas qualidades de “orador eloquente”, a sua “privilegiada intelligencia” e a “vasta e complexa erudição, que possuía”. Em tom emocionado recorda que a sua “eloquencia, brotando espontanea, por tal fórma enthusiasmava o auditorio que, levantando-se em massa, cobria d’applausos o privilegiado orador, como se uma corrente galvanica simultaneamente o excitasse”. Não esquece que “na pratica da caridade foi um verdadeiro bñemerito”, pois “viveu para os outros, e, no exercicio da sua philantropica missão (...) adquiriu a enfermidade, que tão cedo o levou á sepultura”.

Termina, sublinhando, que “quando então existe um verdadeiro amor pela humanidade enferma, como Sousa Martins o possuía, o perigo redobra, mas o philanthropo não recua um passo”, sendo assim “facil adquirir o morbo e morrer victima do dever”.

Para concluir a amostra de artigos que se publicavam, por esta altura, na “A Medicina Contemporanea”, atentemos neste artigo, da edição de 14 de Outubro de 1910, publicado na rubrica “Observações clinicas e casos medico-legaes”. Intitulado “Um caso de gigantismo”, ilustrado por duas fotografias do visado⁴⁸.

Tinha morrido uma figura muito popular em Lisboa: o conhecido “Mudo d’Alcantara”. O individuo tornara-se célebre por ser exibido em circos e praças de

⁴⁶ A Medicina Contemporanea, Hebdomadário Portuguez de Sciencias Medicas, 11 de Fevereiro de 1900.

⁴⁷ A Medicina Contemporanea, Hebdomadário Portuguez de Sciencias Medicas, 11 de Março de 1900.

⁴⁸ A Medicina Contemporanea, Hebdomadário Portuguez de Sciencias Medicas, 14 de Outubro de 1900.

touros – numa prática muito comum na época – em espectáculos, com entrada paga, onde se faziam demonstrações das suas proezas dado ser “dotado de força herculea”.

O artigo refere que o “gigante” mais não era que um “acromegalico”, filho de pais de estatura mediana, embora o avô paterno fosse “bastante alto, com muita força e os pés e as mãos muito grandes”.

O autor atribui a surdez e a mudez do indivíduo “a uma grande constipação, com corrimento pelo nariz e pelos ouvidos” que este tinha tido aos 18 meses. Mais informa que “quando tinha 8 annos começou a crescer de uma maneira excessiva e aos 13 annos apresentava uma estatura pouco comum, continuando a desenvolver-se em força e em altura até á idade adulta. De uma queda núma tourada resultaram-lhe lesões na articulação do joelho direito, que lhe difficultavam a marcha.” À parte tudo isto “diz nunca ter tido doença alguma”.

Refere-se este episódio como evidência clara da forma como estes “fait divers” eram, à época, bastante comuns, e até mesmo merecedores da atenção de um órgão noticioso de carácter científico.

2.5- A última edição - Dezembro de 1974

A última edição de “A Medicina Contemporânea”, que por esta altura era mensal, ocorreu a 7 de Dezembro de 1974.

Sem qualquer nota de despedida, eis os conteúdos desta última edição⁴⁹:

O Editorial consiste num artigo denominado “Disfunção imunitária nas doenças da Hipersensibilidade”, assinado por A. G. Palma-Carlos e Maria Laura Palma-Carlos. Na rubrica seguinte, intitulado “Centro Informativo de Intoxicações”, surge novo artigo, intitulado “Intoxicações por organofosforados”, da autoria conjunta de Arlinda Borges e de Virgílio Pena-Seixas.

Mais dois artigos se seguem: “Centro de estudos clínico hematológicos do I.A.C. (NECHIAC)”, escrito pelo Professor Ducla Soares, da Faculdade de Medicina de Lisboa; e um outro, “Efeito da Isoniazida sobre o metabolismo das Porfirinas e do Hemaglobínico (estudo experimental)”, produto da equipa A. G. Palma-Carlos, Maria da Graça Loureiro, Maria Laura Palma-Carlos e J. A. Oliveira.

Para memória futura fiquemos com a relação dos médicos que faziam parte da redacção, nesta derradeira edição, do mais destacado órgão de informação médica que alguma vez foi publicado em Portugal.

Direcção Científica: J. Toscano Rico, M. J. Xavier Morato, Frederico Madeira, E. Lima Basto, Juvenal Esteves

Director executivo: J. Andresen Leitão

Redacção: W. H. Clode, A. A. Teixeira Pinto, A. Terrinha,

A Redacção e Administração, por altura desta última edição, estavam sediadas na Rua Áurea, 188, em Lisboa.

⁴⁹ A Medicina Contemporanea, Hebdomadário Portuguez de Sciencias Medicas, Dezembro de 1974.

2.6- A publicidade num periódico especializado

Hoje em dia, a publicidade poderá definir-se como a “arte das massas” – numa tradução/adaptação para este meio da conhecida “cultura de massas” que Edgar Morin⁵⁰ tão bem definiu. Podemos também afirmar, categoricamente, que se trata de uma “ciência” capaz de persuadir e seduzir indivíduos com o fito de lhes criar necessidades, quantas vezes, passe a redundância, “desnecessárias”.

Como o objectivo deste estudo não é a análise comparativa da publicidade exibida ao longo dos 92 anos de existência de “A Medicina Contemporanea”, foi seleccionado um breve período, da primeira década do século XX, nos primórdios desta publicação, para se ficar com uma ideia de como, num periódico específico, se publicitavam os produtos de teor medicinal, aplicáveis nas diversas práticas médicas dessa época.

Por esta altura, em que também a publicidade estava a dar os seus primeiros passos “científicos”, podemos falar, ainda, do “consumidor antigo” a quem faltava liquidez financeira, disponibilidade para procurar os artigos que lhe faziam falta e variedade de produtos no mercado. O consumidor estava no designado “Estádio 1”, cujo lema base era “Eu preciso”. A motivação que o levava a consumir era a sua própria conveniência. Havia pouca informação e a produção era em massa. Tal contexto conduzia a pouco envolvimento do consumidor que se expressava por um natural conformismo.

Foram as transformações sociais causadas pela Revolução Industrial que deram origem à publicidade vigente nesta época, ao trazer consigo outras “revoluções” (de capitais, demográfica, tecnológica, de transportes e de mentalidades), ao causar uma intensa migração das populações rurais para as grandes cidades onde as fábricas careciam de mão-de-obra.

Este fenómeno criou um novo problema: essas pessoas estavam habituadas a uma economia de mercado muito simples, rudimentar aos olhos de hoje. Nas suas aldeias de origem, sabiam onde comprar os bens necessários à sua sobrevivência, às suas parcas necessidades; existindo um contacto directo, pessoal entre consumidor e

⁵⁰ WOLF, Mauro, Teorias da Comunicação, Editorial Presença: Barcarena, 2003, pp. 100 a 105, citando Edgar Morin, “L’Esprit du temps – A Indústria Cultural”, 1962.

produtor. Como a produção era limitada a essas encomendas, sendo os produtos indiferenciados, a publicidade era, logicamente, inútil.

Então, com as cidades a aumentar exponencialmente as suas populações, duas situações complementares ocorriam: por um lado os desenraizados, acabados de chegar, desconhecem os locais onde adquirir os seus bens; por outro, os produtores, face a esta enorme massa anónima de potenciais clientes, e dada a concorrência existente, sentiam necessidade de cativar, numa primeira fase, a sua atenção, com o intuito de procurarem, posteriormente, garantir a sua fidelização.

Surgia assim a publicidade com fins comerciais e conteúdos persuasivos, visando informar a massa anónima de consumidores da diversidade e especificidade dos diferentes produtos/marcas congéneres. Assim sendo, tornava-se necessário “diferenciar” as marcas, criando logótipos, e procurando afirmar as suas “superiores” qualidades face às marcas da concorrência.

As primeiras agências eram meras mediadoras entre clientes e jornais, limitando-se, mediante comissão, a colocar mensagens publicitárias muito simples, tipo “artigo x, vende-se na loja y por z”, sem enumerar as suas características ou elogiar propriedades. Um pouco na linha do que, já em 1845, tinha sido enunciado por Emile de Girardin⁵¹: “Devem ser os anúncios a pagar os jornais.”

Mas que vantagens tinha o “comerciante”, neste caso de produtos farmacêuticos, em publicitar os seus produtos na imprensa escrita, nomeadamente num órgão específico como “A Medicina Contemporanea”? Para além do prestígio (associado ao “estatuto” do órgão de comunicação), que é bem aceite pelo público; proporciona uma boa capacidade de compreensão e memorização, mercê da repetição das mensagens; atinge com precisão o alvo previsto (cada jornal/revista tem um público definido e específico), podendo, assim, utilizar uma argumentação assaz racional que lhes é dirigida, gerando uma empatia/cumplicidade com o leitor/consumidor, em especial em suportes especializados, de reconhecido prestígio. E, o que não é menos importante, os custos de produção eram baixos.

⁵¹ Emile de Girardin (1802-1881) foi um conhecido jornalista, publicista e político francês do século XIX. Fica para a história como o pioneiro da publicidade inserida nos periódicos, como forma natural de os financiar, tornando-os assim mais acessíveis ao cidadão comum.

E, se para alguns autores como Aldous Huxley⁵², a publicidade é “uma das mais interessantes e difíceis formas literárias modernas”, para outros como Albert Lasker⁵³, “Publicidade é conversa de vendedor, por escrito...”

Uma coisa é certa: a publicidade era eficaz, tinha capacidade de se renovar, como lembra o David Ogilvy⁵⁴, que alerta que “aperfeiçoar um produto é a melhor maneira de incrementar a sua venda”, no que era corroborado por um dos grandes nomes da economia do século XX, Joseph Schumpeter⁵⁵, que lançou o grande grito da vida económica contemporânea: “Inovar! Inovar! Inovar!”

Vejamos, então, uma breve selecção de alguns anúncios publicados n’ “A Medicina Contemporânea, no período referido:

Um dos produtos mais publicitado na *Medicina Contemporanea*, na primeira década do século XX, é o “Ferro Quevenne”. O anúncio começa por esclarecer, face às inúmeras “imitações” que, pelos vistos, inundavam o mercado que “o ferro impuro das falsificações é moreno” enquanto que “o verdadeiro Ferro Quevenne é pardo ardósia”. Afiançam ainda que o produto por eles comercializado é o “único aprovado pela Academia de Medicina de Paris”. Terminam dizendo que este artigo deve ser usado “para curar chloro-anemia”, que “pode empregar-se muito tempo sem incomodidade e sem intolerância” e, para salvaguarda dos consumidores, recomendam que se “exiga sello da Union dês fabricants”, garantia da boa proveniência do medicamento.

As Águas de Vidago, Fonte Campilho são “bicabornatadas sodicas, gazo-carbonicas fortes, férreas, lithinadas, fluoretadas e arsenicas”, tendo sido “premiadas em todas as exposições”, tendo mesmo sido galardoadas com a “medalha de ouro na de 1897”.

⁵² Aldous Huxley (1894-1963) - popular filósofo, escritor e guionista cinematográfico inglês - entre várias obras (47), ficou famoso pelo seu “Admirável Mundo Novo” (1931). Para além disso, ainda hoje continuam a ser muito divulgadas as suas citações e pensamentos.

⁵³ Albert Lasker (1880-1952), homem de negócios norte-americano, é considerado o pai da publicidade moderna. A fundação Lasker, por si criada para apoiar causas filantrópicas, atribui, desde 1949, os “Lasker Awards”, com especial atenção à área da pesquisa médica, dado o facto da sua mulher Mary ter sido uma reputada activista nesse campo.

⁵⁴ David Ogilvy (1911-1999) é considerado o guru da publicidade. Entre outras obras, dedicadas ao tema, escreveu “Confessions of an Advertising Man” (1963) e “Ogilvy on Advertising” (1983).

⁵⁵ Joseph Schumpeter (1883-1950) é considerado um dos maiores economistas da primeira metade do século XX. Privilegiava a Sociologia à Matemática. Nascido no antigo Império Austro-húngaro, com a ascensão do nazismo fugiu para os Estados Unidos, vindo a ser um distinto professor na universidade de Harvard. Deixou vasta obra e inúmeros seguidores.

Já do “Vinho nutritivo de carne”, que é “muito útil na convalescença de todas as doenças, quando é preciso levantar as forças” e foi premiado com as “medalhas de ouro nas exposições internacionais de Lisboa e Pariz”, é garantido que “um cálice deste vinho representa um bom bife”. A sua aquisição pode efectuar-se no “Depósito Geral – Pharmácia Franco, filhos”.

Também se assegura que “o purgante das famílias”, o produto “Hunyadi Janos” é “a melhor água purgativa natural” e goza de “reputação internacional”. Igualmente se alertam os consumidores para terem “cuidado com as falsificações”, lembrando que “a dita água “só é legítima tendo o rótulo e a rolha da marca”, e que está “à venda em todas as farmácias e drogarias”.

Para resolver o problema da “prisão de ventre” recomendavam-se as “Pílulas de cascara Midy”, que, sendo um “produto natural e completo”, são o “o mais suave e o mais seguro laxativo não provocando nem cólicas, nem náuseas, nem diarreia”. Assim sendo, este produto é “prescrito pelas sumidades medicas de todas as partes do mundo, mesmo mulheres grávidas e amas de leite”.

A “Farinha Lactea Nestlé” é recomendada “para crianças e pessoas edosas” pois “contem o leite puro das vacas suissas”. Igualmente o leite concentrado Nestlé é publicitado, sendo referido que pode ser prescrito com segurança pois a sua ingestão, era “sem perigo de tuberculose”.

Para as “doenças das senhoras”, recomendam-se os “ovulos vaginaes de glycerina solidificada” enquanto os “suppositorios Andrade de glycerina solidificada produzem ao fim de 10 minutos uma evacuação normal”. Para que não haja qualquer tipo de dúvidas, frisam que “são de facil aplicação e, por serem inofensivos, podem ser usados por crianças, senhoras, mesmo durante o período da gravidez e de amamentação, velhos, doentes, etc.”, porque “não enfraquecem o intestino e do seu uso prolongado pode conseguir-se que aquella função volte a exercer-se naturalmente”.

A “Muiricitinacontra”, produto “especifico contra a “impotentia virilis” é adequado para a cura de “neurasthenias sexuais, impotentia coeundi”. Para os interessados, informam que “brochuras e amostras enviam-se gratuitamente aos senhores facultativos que as requisitarem”.

Para os malefícios de doenças como a “Gotta, Calculos, Reumatismo” é garantido que “são combatidos com bom resultado pelos saes de Lithina effervescentes Le Perdriel”. Este produto, dizem, é “superior a todos os outros dissolventes do acido úrico”. No entanto, a “Piperazina Midy” que é “granulada efervescente” é um concorrente à altura pois assegura que é “o maior dissolvente do acido úrico” e cura ainda mais doenças a saber: “Gotta, Gravella, Rheumatismo, Arthritismo”.

Mas os pequenos anúncios, concisos na informação considerada essencial, não deixam de ser eficazes. São disso exemplo o “Elixir polybromado de Barral”, que é o mais “util nas affeições nervosas e sobretudo na epilepsia” e o “Fermento lactico Fournier”, adequado para “enterites, diarrheias infecciosas, dysenterias, appendicites, dermatoses”.

Já a “Antimorphina”, medicamento “especifico contra a morphimonia, serve para substituir qualquer dose de morphina, ópio, etc.” garante a “suppressão immediata da seringa”.

Para terminar esta breve mostra do tipo de publicidade vigente num “hebdomadário de ciencias medicas”, no início do século XX, vejamos como, num só anúncio, os laboratórios Andrade promovem uma série de produtos por si comercializados. São disso exemplo o “Elixir Gengival saponaceo borotado, os pós dentrificos borotados, e a pasta dentífrica”, que, garantem, sendo “preparações exclusivas da nossa casa, estes productos são dos melhores resultados na hygiene da bocca”, pois “branqueiam e ficam os dentes, sem lhes alterar o esmalte, tonificam as gengivas e dissipam o mau hálito, desinfectam a bocca”.

Concluída esta pequena amostragem da publicidade de então, registre-se o facto que todos estes produtos eram criados por empresas comerciais de grande prestígio que, ao anunciarem os seus artigos neste hebdomadário, a par das campanhas que faziam nos periódicos generalistas, como o “Século” ou o “Diário de Notícias”, só atesta a confiança que depositavam na “Medicina Contemporanea”.

3. Acontecimentos de referência na vida médica – o seu relato na “A Medicina Contemporanea” numa perspectiva comparativa – imprensa especializada e imprensa generalista

3.1. 1897 – O óbito de Sousa Martins

Sousa Martins ocupa um merecido e destacado lugar na galeria dos ilustres portugueses da nossa História. Para além de reputado médico, abnegado investigador científico e brilhante orador, ficaram para sempre na memória do povo as suas qualidades humanas e morais. A notícia do seu óbito – embora fosse conhecida a fatal progressão da doença (tuberculose) que lhe minava a saúde – trouxe grande consternação e pesar ao país. Assim sendo, era expectável que a notícia da sua morte tivesse grande destaque quer na imprensa médica, quer na generalista.

3.1.1. Cobertura noticiosa do óbito efectuada pela “A Medicina Contemporanea”

Sendo Sousa Martins um dos fundadores, este periódico estava de luto nesta sua edição de 22 de Agosto de 1897⁵⁶.

O primeiro a revelar a sua opinião – partilhando-o com os leitores da “A Medicina Contemporânea” – foi Miguel Bombarda: “Morrer na gloria, não é morrer. (...) Que importa mais uns dias na passagem pelas agruras do Mundo, quando a memoria revive luminosa no espirito e no coração dos homens? (...) A abnegação absoluta não é deste mundo. Trabalhos insanos em prol da humanidade, labores penosos em prol da sciencia, luctas esmagadoras em prol do progresso, não se consomem n’elles as forças e a vida só pela humanidade, só pela sciencia, só pelo progresso. A ambição é grandiosa de contribuir com uma pedra ou com um grão de areia para o maravilhoso edificio da civilisação. Mas, recondita n’essa ambição santa, lá existe sempre um desejo, um aneio – de que na pedra ou no grão de areia se inscreva um nome, o nome de quem o lançou. Pois bem, aquelle que hontem fomos enterrar no pobre cemitério da aldeia é o desmentido mais formoso á constancia d’essa lei da fraqueza humana (...) desmentindo ainda mais raro porque veio d’um homem da sciencia, não d’um homem da religião (...) Sentir em si forças geniaes e desprezar graval-as nos marmores da Historia, - não porque se não possuam faculdades de trabalho, que ninguém as tinha mais eminentes; não porque dominem sofreguidões de dinheiro, que ninguem houve mais

⁵⁶ A Medicina Contemporanea, Hebdomadário Portuguez de Sciencias Medicas, 22 de Agosto de 1897.

desinteressado; não porque sobrelevem apetites de honrarias, que ninguém existiu mais isento de vaidades, - é alguma coisa de tão estranho na triste condição humana, que não se encontra palavra que o defina. Tal foi Sousa Martins. Dotado de talentos os mais eminentes, dispondo d'uma vivacidade de espírito que era uma fulguração, provido d'uma sciencia vasta que ninguém a tem mais completa, rico d'uma palavra fácil, abundante e pittoresca, favorecido com um espírito penetrante e uma imaginação ardente, consagrou todo o fulgor do seu immenso talento em educar gerações e gerações de medicos, dedicou o seu verbo eloquentissimo a honrar e illustrar a sciencia medica portugueza, - como ao doente sacrificará a sua infatigavel actividade. E a bem dizer nunca procurou perpetuar os fructos d'aquella deliciosa intelligencia que nos encantava e nos assoberbava.”

De seguida, no mesmo tom, publicam um artigo de J.A.G. e transcrevem (integralmente) os discursos proferidos no cemitério por Silva Amado, Gregório Fernandes, Coelho de Jesus e Fragoso Tavares.

3.1.2. Cobertura noticiosa do óbito efectuada pelo “Diário de Notícias”

O jornal “Diário de Notícias” dedica duas edições ao óbito de Sousa Martins: a de 19 de Agosto, noticiando a sua morte, e a de 20 de Agosto, acompanhando o seu funeral. Em ambas é, como seria de prever, destaque de primeira página.

Na edição de 19 de Agosto⁵⁷, intitulando-a como “Assumptos do dia: O Dr. Sousa Martins” procede a um extenso e elogioso relembrar das suas qualidades, seguindo-se “Notas biographicas”. Narra “Os (seus) últimos momentos”, enuncia “As primeiras demonstrações de sentimento”, dá conta do seu testamento e noticia os discursos elogiosos de pesar na câmara dos deputados.

Sobre o funeral, informa que o finado irá vestido com a sua beca e será enterrado por vontade expressa no cemitério de Alhandra, junto à campa de sua mãe; revela o telegrama de D. Carlos onde este afirmava que se tinha apagado a luz mais brilhante do seu reinado.

⁵⁷ Diário de Notícias, 19 de Agosto de 1897.

Na edição de 20 de Agosto⁵⁸, intitulada “Dr. Sousa Martins – O funeral – Manifestações funebres”, apresentam extensa reportagem do funeral realizado em Alhandra, subdividida, como era comum fazer-se, em pequenas notas encadeadas. Concluem com “Os discursos” que acabaram era já noite, apresentam umas breves “Notas” e revelam ter recebido 56 telegramas expressando “Manifestações de sentimento”.

3.1.3. Cobertura noticiosa do óbito efectuada pelo “O Século”

O jornal “O Século” dedica três edições ao óbito de Sousa Martins: a de 19 de Agosto, noticiando a sua morte, a do dia 20, relatando o seu funeral e a de 21 publicando quatro ilustrações. O tom usado é emotivo e profundamente elogioso para o defunto.

Na edição de 19 de Agosto⁵⁹, na primeira página, com o título “Morreu Sousa Martins”, publicam um emotivo texto, do qual extraímos algumas passagens: “Quando um homem da estatura d’estes resvala na escuridão do tumulo, produz se em nós como que uma paralyzação dos sentidos. (...) O illustre morto por quem a sciencia hoje veste lucto, tinha, de par com as fulgurações d’um grande talento, uma extraordinaria riqueza affectiva. (...) A morte de Sousa Martins é para o paiz uma grande, uma extraordinaria perda! Não veste de lucto apenas a classe medica: a patria chora um dos seus filhos mais gloriosos! (...) E é n’essa communhão de dôr e de lagrimas que nós vimos depôr, no athaúde do grande morto, o testemunho humilde do nosso respeito.” A acompanhar a notícia, publicam uma ilustração do Dr. Sousa Martins.

De seguida, com o título “Sousa Martins”, prosseguem o relato. O artigo, que prossegue a homenagem feita pelo jornal a Sousa Martins, é subdividido em três partes: “O professor”, “O medico” e “O homem”. No mesmo se relata, com pormenor, os traços biográficos principais do falecido. Um destaque apenas para a preocupação demonstrada pelo jornal em sublinhar que, estando Sousa Martins já afectado pela doença pulmonar que haveria de ser a causa da sua morte, não se coibia de ter as consultas cheias de doentes tuberculosos. Desta forma, colocando o dever acima dos

⁵⁸ Diário de Notícias, 20 de Agosto de 1897.

⁵⁹ O Século, edição de 19 de Agosto de 1897.

seus próprios interesses, ao caso a sua precária saúde, acabou por abreviar a sua preciosa existência.

O jornal frisa ainda as publicamente reconhecidas qualidades oratórias do médico, que nunca poderiam ser esquecidas, quer por quem o ouviu discursar, quer por quem teve ocasião de delas ler extractos impressos em qualquer periódico da altura. Com o título “Os últimos momentos”, revelam que Sousa Martins tinha perfeita consciência do seu debilitado estado de saúde, mas que, para não inquietar familiares e amigos, desvalorizava o agravamento da sua doença tendo tido, garante o jornal, uma “morte serena”, na sua casa em Alhandra.

Na edição de 20 de Agosto⁶⁰, na primeira página, o título “Sousa Martins”, a ilustrar os artigos relativos ao noticiário alusivo ao funeral do médico que o povo canonizou, são publicadas duas imagens: “Notas biographicas de Sousa Martins, escriptas por elle proprio” e um fac-smile de uma medalha gravada na Casa da Moeda.

A primeira peça, referente ao óbito do Dr. Sousa Martins vem assinada por Alberto Campos, um amigo do falecido, que, depois de referir alguns episódios por ambos partilhados termina de forma emotiva: “Meu pobre amigo! Oxalá que Deus escute as minhas preces, e te leve em conta da fraqueza o muito bem que por cá espargiste”. O jornal adianta em seguida que um grupo de médicos, após ter consultado o presidente do conselho, terá mostrado interesse em que “o cadaver do illustre professor fosse transportado para Lisboa e aqui fosse depositado no pantheon dos Jeronymos”. No entanto, a sua família agradeceu “esta demonstração de apreço ao alto valor do fallecido”, mas teve de recusar dado que, nos seus últimos desejos, o médico terá pedido para “ser sepultado no jazigo que tinha na Alhandra, onde ficaria junto de sua extremosa mãe”. Mencionam, em seguida, as individualidades que velaram “o cadaver do dr. Sousa Martins, vestido com a sua becca de lente da Escola Médica” que tinha “sido encerrado n’uma urna de mogno”, bem como aqueles que o acompanharam, até à sua última morada. A descrição do funeral é muito pormenorizada, enunciando mesmo os turnos para as borlas e os discursos no cemitério. Com o título “No cortejo”, apresentam mesmo uma extensa lista, quem sabe se exaustiva, das individualidades que incorporaram o féretro.

⁶⁰ O Século”, 20 de Agosto de 1897.

Na edição de 21 de Agosto⁶¹, na primeira página, apenas uma rubrica chamada “Notas várias”, em que um pequeno rol informativo é apresentado. No entanto, o que para a época era muito importante, publicam quatro ilustrações: “Alhandra - Casa onde nasceu Sousa Martins”, “Alhandra – Jazigo da família de Sousa Martins”, “O enterro de Sousa Martins – Na Praça Serpa Pinto, em Alhandra” e “Casa onde faleceu Sousa Martins – Arredores de Alhandra”.

⁶¹ O Século, 21 de Agosto de 1897.

3.2. 1906 – O XV Congresso Internacional de Medicina, em Lisboa

Para além da extraordinária importância - para a classe médica em particular e para o país em geral – que a realização deste evento em Portugal constituiu, convém lembrar que o secretário-geral e entusiasta deste congresso foi Miguel Bombarda, fundador e alma da “A Medicina Contemporanea”. No entanto, como veremos a seguir o destaque dado ao XV Congresso Internacional de Medicina foi, mesmo pela imprensa generalista, muito grande.

3.2.1. Cobertura noticiosa do congresso efectuada pela “A Medicina Contemporanea”

Sendo um periódico semanal, “A Medicina Contemporanea” optou por uma cobertura mais abrangente, mas nem por isso menos detalhada que a imprensa generalista diária. E não se limitou aos relatos técnicos, dado ser um órgão informativo especializado.

Na edição de 18 de Março⁶², a cerca de um mês da abertura oficial do congresso, num artigo denominado “Actualidades – Congresso internacional de medicina”⁶³, escreviam: “Continua crescendo excessivamente o numero de adesões para o próximo congresso e muito maior seria já se se não mantivesse o principio de sómente admitir os medicos, salvo as pessoas consideradas como savants e apresentados pelos comités estrangeiros ou convidadas pelo comité executivo. Este princípio, seguido nos primeiros congressos, deixou de o ser n’alguns dos últimos, o que foi objecto de críticas severas da parte de alguns jornaes da especialidade.”

Na edição de 8 de Abril⁶⁴, a pouco mais de uma semana do início do congresso, Miguel Bombarda, num artigo intitulado “A Nova Escola Médica” apresenta – a par de uma extensa reportagem profusamente ilustrada com fotografias, imagens e plantas o local onde decorreriam as sessões científicas. Na primeira página destaca-se uma foto do edifício da Nova Escola Médica, no Campo Mártires da Pátria, ainda sem estátua de

⁶² A Medicina Contemporanea, Hebdomadário Portuguez de Sciencias Medicas, 18 de Março de 1906.

⁶³ Os 14 congressos anteriores realizaram-se em Paris (1867), Florença (1869), Viena (1873), Bruxelas (1875), Genebra (1877), Amesterdão (1879), Londres (1881), Copenhaga (1884), Washington (1886), Berlim (1890), Roma (1894), Moscovo (1897), Paris (1900) e Madrid (1903).

⁶⁴ A Medicina Contemporanea, Hebdomadário Portuguez de Sciencias Medicas, 8 de Abril de 1906.

Sousa Martins. São apresentadas, para melhor entendimento da estrutura do edifício, plantas dos pisos I, II e III da nova Escola Médica de Lisboa, bem como da sua distribuição para as actividades do XV Congresso.

Na edição de 15 de Abril⁶⁵, a quatro dias da inauguração oficial do congresso, o destaque integral de primeira página vai para um artigo de Cardoso Pereira intitulado “Importancia dos congressos internacionais de medicina”.

Dias depois, na edição de 22 de Abril⁶⁶, já há noticiário sobre o mesmo. Relatam a cerimónia oficial de abertura, com transcrição integral do discurso de boas vindas efectuado pelo rei D. Carlos.

Na edição de 6 de Maio⁶⁷, mais de uma semana após o encerramento, num artigo intitulado “Ensinamentos do Congresso”, Miguel Bombarda faz um balanço sobre o mesmo. Apesar de feliz e orgulhoso com o sucesso do evento e a magnífica impressão que os congressistas levaram do elevado nível científico da classe médica portuguesa e da cortesia e amabilidade com que o povo português os soube acolher, denota, todavia, ser ponderado e cauteloso face ao futuro: “A hora não é porém para orgulhos e envaidecimentos, mas antes para lição. Os médicos portugueses acabam de se achar envolvidos no mais agudo movimento científico dos tempos presentes e viram de quanto são capazes. (...) Pela perfeita facilidade linguística com que intervieram nas discussões, pela aísance em que estiveram em todas as questões debatidas, pela orientação toda moderna do seu psychismo, enfim pela excellencia dos relatórios que produziram – excellencia em methodo como em crítica e em saber -, os médicos portugueses honraram o Congresso como honraram a sua terra. (...) Mas ainda ha que ir mais longe. O Congresso de Lisboa foi uma revelação para o medico portuguez, porque lhe incutiu a consciencia do seu proprio valor. (...) pertence-lhe levantar no mundo o nome de Portugal. (...) Que a idéa da patria nos dê a tenacidade que tanto nos escasseia, e tentemos occupar lugar honroso no conclave das nações.”

Num artigo intitulado “Assembléas geraes” é dada conta ao leitor das decisões tomadas nas assembleias constituídas pelos delegados dos governos, presidentes de

⁶⁵ A Medicina Contemporanea, Hebdomadário Portuguez de Sciencias Medicas, 15 de Abril de 1906.

⁶⁶ A Medicina Contemporanea, Hebdomadário Portuguez de Sciencias Medicas, 22 de Abril de 1906.

⁶⁷ A Medicina Contemporanea, Hebdomadário Portuguez de Sciencias Medicas, 6 de Maio de 1906.

honra do congresso e das secções e comité executivo. Também foram objecto de notícias os vários votos das diversas secções, bem como as conferências e projecções realizadas durante o congresso, a relação integral dos presidentes de honra e os trabalhos portugueses apresentados.

Na edição de 13 de Maio⁶⁸, quase um mês passado sobre a abertura do congresso, ainda se faz eco dos trabalhos do mesmo, o que, dado o interesse médico dos mesmos para os seus específicos leitores, mais do que se justifica. A “Meningite epidemica em Portugal” foi objecto de dois relatórios apresentados no XV Congresso por Judice Cabral e Carlos França, bem como de uma comunicação de Silva Carvalho. Os três trabalhos são publicados n’*A Medicina Contemporânea*.

As “Tabellas preliminares do movimento physiologico da população do reino de Portugal”- relativas aos anos de 1902, 1903 e 1904 - também foram apresentadas no XV Congresso pela Inspeção dos serviços sanitários. O hebdomadário publica também uma tabela prévia que visa comparar “o que se passa noutros povos” (17 países europeus) em matéria de “casamentos, nascimentos e óbitos. Os dados, apresentados em taxas percentuais, dizem respeito aos seguintes itens Nupcialidade, Natalidade, Mortinatalidade, Mortalidade e Crescimento Physiologico. É ainda apresentada a “Tabella D – Obitos por causas no reino”, relativas aos anos de 1902, 1903 e 1904. São também enumerados 35 itens relativos a eventuais “causas de morte dos cidadãos do reino lusitano”.

Na edição de 20 de Maio⁶⁹, foram publicadas “as opiniões da imprensa médica estrangeira”. Feita a introdução justificativa do prévio interesse mundial pelo congresso, publica-se o eco desse evento científico, que se reflectiu nos principais órgãos de imprensa médica estrangeira que, na esmagadora maioria, até enviaram correspondentes para Lisboa para que o seu trabalho fosse o mais detalhado possível e não só nas questões técnicas do congresso. A opinião foi unânime: todos os periódicos ficaram rendidos ao inovador e bem organizado congresso de Lisboa. Citam os trabalhos publicados no *Lancet*, na *Deutsch med. Wochschr*, na *Semaine Médicale*, no *British med. Journal* e na *Münchener medicinische Wochenschrift*. Destacam não só o congresso, com as suas inovações logísticas – a publicação do Boletim Oficial, a “larga

⁶⁸ A Medicina Contemporanea, Hebdomadário Portuguez de Sciencias Medicas, 13 de Maio de 1906.

⁶⁹ A Medicina Contemporanea, Hebdomadário Portuguez de Sciencias Medicas, 20 de Maio de 1906.

distribuição que se fez de programmas e graphics” e a impressão e distribuição dos relatórios oficiais antes do congresso começar – bem como o impacto positivo que o nosso país e as suas gentes lhes causaram. Louvam também a excelência das instalações visitadas e o vasto programa social que lhes foi oferecido durante a sua permanência em Portugal.

Na edição de 27 de Maio⁷⁰, prosseguem com “As opiniões da imprensa médica estrangeira” publicando os elogiosos ecos sentidos, mundo fora, relativos ao congresso de Lisboa. Mencionam o que tinha sido publicado, por exemplo, por Maurice Faure na *Gazette des Hôpitaux*. Concluem o noticiário relativo ao congresso noticiando que a *Sociedade das ciencias medicas de Lisboa*, reunida em sessão extraordinária, a 19 de Maio de 1906, sob a presidência de João Pedro d’Almeida, aprovou “por aclamação um voto de congratulação e louvor ao comité executivo do XV Congresso internacional de medicina, especializando n’esse voto o secretario geral”. Miguel Bombarda foi também, por aclamação, nomeado sócio benemérito da referida sociedade.

Na edição de 3 de Junho⁷¹ dão por concluídas “As opiniões da imprensa médica estrangeira” sobre o congresso. Relatam o que, entre outras agradáveis coisas, vinha escrito in *Annales de la Policlinique centrale de Bruxelles*: “Portugal e as suas gentes deram uma extraordinária lição ao mundo.” Referem ainda o que foi publicado na *Medicina.Klinik* e na *Presse Médical*.

3.2.2. Cobertura noticiosa do congresso efectuada pelo “Diário de Notícias”

O jornal *Diário de Notícias* reporta as actividades do XV Congresso Internacional de Medicina nas suas edições de 17, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 27 e 28 de Abril de 1906. Criaram um conjunto de rubricas diárias, nas quais iam reportando as actividades do congresso: “reuniões do comité e da assembleia”, “noticias diversas”, “programma – o que há hoje”, “compte-rendu dos trabalhos”, “as visitas de hontem”, “communicações”, “assumptos do dia” e “trabalhos das secções”⁷².

⁷⁰ A Medicina Contemporanea, Hebdomadário Portuguez de Ciencias Medicas, 27 de Maio de 1906.

⁷¹ A Medicina Contemporanea, Hebdomadário Portuguez de Ciencias Medicas, 3 de Junho de 1906.

⁷² O XV Congresso agrupou os médicos inscritos em diversas secções: Anatomia, Fisiologia, Patologia geral, Bacteriologia e Anatomia Patológica, Terapêutica e Farmacologia, Medicina, Pediatria, Neurologia, Psiquiatria e Antropologia criminal, Dermatologia e Sifilografia, Cirurgia, Medicina e Cirurgia das vias urinárias, Oftalmologia,

Na edição de 17 de Abril⁷³, na sua primeira página, a dois dias da sessão solene inaugural, o jornal descreve a azáfama vivida pela organização, e tece rasgados elogios a Miguel Bombarda.

Na edição de 18 de Abril⁷⁴, dão conta do encontro dos jornalistas médicos ocorrido, no dia anterior, na Sala dos Actos, da Escola Médica e das reuniões do Comité e da Assembleia. Louvam o *Guia Médico*⁷⁵, minucioso programa dos trabalhos do congresso e não só, que será distribuído por todos os congressistas.

Na edição de 19 de Abril⁷⁶, dão nota da sua abertura e com o título “Salut”, publicam um texto em francês, cumprimentando os congressistas. Passam depois à homenagem a Manuel Bento de Sousa, ocorrida no dia anterior, com a inauguração do monumento que lhe foi erigido na Escola Médica.

Na edição de 20 de Abril⁷⁷, é reportado o estrondoso sucesso da inauguração do congresso – uma sessão solene, com a presença da família real, na Sociedade de Geografia, sala completamente lotada.

Na edição de 21 de Abril⁷⁸, é dado início à apresentação dos trabalhos das secções e relatado o “garden-party” em Monserrate que foi um sucesso.

Na edição de 22 de Abril⁷⁹ são relatadas as visitas ao castelo de S. Jorge, à Manutenção do Estado, ao Museu d’Artilharia, ao Parque Sanitário e ao Hospital da Estrela e ao “serviço de syphilis no Hospital do Desterro”. De âmbito social é salientada

Rinolaringologia, Estomatologia e Otologia, Obstetrícia e Ginecologia, Higiene e Epidemiologia, Medicina Militar, Medicina Legal e Medicina Colonial e Naval.

⁷³ Diário de Notícias, 17 de Abril de 1906.

⁷⁴ Diário de Notícias, 18 de Abril de 1906.

⁷⁵ O *Guia Médico*, novidade do XV Congresso, foi muito apreciado pelos congressistas pois para além do programa dos trabalhos e actividades que se iriam realizar, continha também as visitas a concretizar a “Institutos medicos e cirúrgicos”, oferecendo ainda uma planta da cidade de Lisboa. É também nestes pormenores que se marca a diferença pela positiva. Miguel Bombarda era, de facto, um grande organizador de eventos.

⁷⁶ Diário de Notícias, 19 de Abril de 1906.

⁷⁷ Diário de Notícias, 20 de Abril de 1906.

⁷⁸ Diário de Notícias, 21 de Abril de 1906.

⁷⁹ Diário de Notícias, 22 de Abril de 1906.

a “Matinée dançante offerecida pelo Sr. Dr. Mauperrin Santos e esposa”. Inauguram a Rubrica “communicações”. São também referidos os diversos trabalhos das secções.

Na edição de 24 de Abril⁸⁰, para além de serem relatados os trabalhos das secções, referem, no âmbito social, “Um almoço a bordo do vapor «Oceana» e são publicadas duas ilustrações: uma alusiva à “tourada de Vila Franca” outra do navio Oceana.

Na edição de 25 de Abril⁸¹ é feita menção à entrega dos prémios dos congressos de Paris e Moscovo; referem detalhadamente a recepção ocorrida nos passos do concelho e a “Garden-party” nos jardins do paço real; relatam uma “Visita ao Lazareto” e enunciam os diferentes trabalhos das secções, em especial uma “Experiencia physiologica”, a cargo do Dr. Sauerbrunch algo atribulada. O médico pretendia demonstrar que continuava a realizar-se a respiração, após a ressecção das costelas e do externo. Só que o “primeiro cão sujeito à experiência morreu antes de lhe abrirem a caixa thoraxica”. Tendo sido sacrificado um segundo cão, a experiência foi, dessa vez, bem sucedida e “a assembleia aclamou-o com uma prolongada salva de palmas.”

Na edição de 26 de Abril⁸² começam por referir a “Festa na Camara Municipal” de encerramento do congresso, noticiam a ida de alguns congressistas à “Cozinha Económica da Ribeira Velha” e passam depois, em pequenos artigos, a apresentar alguns dos congressistas que, no entender do jornal, pelo seu currículo e prestação no congresso, mais são merecedores de destaque.

Na edição de 27 de Abril⁸³, na primeira página, com o título “O congresso de medicina, O encerramento – A despedida”, o mesmo é descrito como um dos acontecimentos “mais honrosos e notaveis nos annaes da cidade de Lisboa”, registando que os resultados do mesmo “foram muito além do que se imaginava”, pelo que se justificava congratular “o paiz e todos aquelles que prestaram a sua valiosa e ilustrada cooperação em obra de tão superior alcance”. Com orgulho, rematava o jornal: “pelo

⁸⁰ Diário de Notícias, 24 de Abril de 1906.

⁸¹ Diário de Notícias, 25 de Abril de 1906.

⁸² Diário de Notícias, 26 de Abril de 1906.

⁸³ Diário de Notícias, 27 de Abril de 1906.

que presencéamos, pelo que ouvimos, não houve a menor nota discordante em todo este admiravel concerto de inteligências e de vontades.” Também o país sai elogiado pois “soube corresponder á confiança que nelle se depositou, mostrando que possui as condições indispensaveis para ser um centro intellectual, que não envergonha ninguém.”

Na edição de 28 de Abril⁸⁴, dão nota da partida dos últimos congressistas e descrevem, com pormenor, o “banquete offerecido pelo sr. dr. Miguel Bombarda aos seus colaboradores no XV congresso de Medicina.”

3.2.3. Cobertura noticiosa do congresso efectuada pelo “O Século”

O jornal “O Século” reporta as actividades do XV Congresso Internacional de Medicina nas suas edições de 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28 e 29 de Abril de 1906.

Na sua edição de 16 de Abril⁸⁵, destacava-se uma espécie de editorial que antecipava o sucesso do congresso, elogiando os esforços do seu comité executivo, com realce para Miguel Bombarda, muito elogiado. São criadas expectativas face ao impacto que a evolução de Portugal causaria nos congressistas que desse facto dariam depois relevo nos seus países.

O jornal publica a seguir uma relação dos “trabalhos de medicos portuguezes” já impressos e distribuídos aos congressistas, a fim de serem discutidos no congresso. Prossegue com a publicação do programa da Assembleia Internacional de Imprensa Médica, que reunirá em Lisboa a 17 e 18 de Abril. Em seguida, enumera os membros do «comité de senhoras portuguezas», criado para “receber as senhoras dos congressistas estrangeiros”⁸⁶.

Na edição de 17 de Abril⁸⁷, o tema “XV Congresso” aparece ilustrado com fotografias de Miguel Bombarda, Alfredo Luiz Lopes e Adolph Smith. Sobre a “Discussão da theoria microbiana do cancro”, adianta o jornal, que vão estar no

⁸⁴ Diário de Notícias, 28 de Abril de 1906.

⁸⁵ O Século, 16 de Abril de 1906.

⁸⁶ O “comité das senhoras portuguezas” era presidido pela madame Costa Allemão, esposa do “illustre presidente do congresso.”

⁸⁷ O Século, 17 de Abril de 1906.

congresso “dois illustres medicos, notabilidades scientificas, M. Bashford, de Londres, e Von Leyden, de Berlim”. Sublinham que “A tuberculose no congresso” é outro “assumpto de magna importancia” a ser debatido no congresso por “algumas das capacidades mais consideradas no estrangeiro”. Sublinham que o combate a esse “flagello humano” tem contado com o apoio de “sua magestade a Rainha senhora D. Amelia, cujo coração cheio de bondade desde ha muito caridosamente acolhe e beneficia tantos infelizes que pelo paiz se vão minando e ressequindo do terrível mal...”

Na edição de 18 de Abril⁸⁸, foi noticiado que “princiaram hontem os trabalhos do Congresso de Medicina”, numa alusão à reunião da «Associação da Imprensa Medica Internacional» onde foi posta “em relevo, a grande confraternidade e solidariedade que homens eminentes na sciencia de todos os paizes demonstraram possuir no sentido de trabalhar pelo bem geral da humanidade”. Foi também relatado o grande movimento vivido na Escola Medica, já com a presença de alguns congressistas, para além dos delegados da imprensa, que visitaram as instalações e “procuraram nos guichets as suas insígnias”. Dão depois nota dos trabalhos realizados e determinações tomadas na “Conferencia de imprensa medica internacional”, com especial destaque para a sua “sessão solemne” de abertura, que “princiou às dez horas e meia da manhã” e da qual transcrevem alguns trechos dos discursos aí proferidos.

Na edição de 19 de Abril⁸⁹, primeiro dia de trabalhos do congresso, foi apresentada uma primeira página de luxo, para os parâmetros da época. Logo a abrir, as fotografias dos membros da Comissão Executiva. No resto da página, mais 48 fotos – malha de seis linhas por oito colunas – de alguns congressistas estrangeiros. Relatam ainda os trabalhos do segundo dia da conferência da imprensa médica internacional e a cerimónia de inauguração do busto de Manuel Bento de Sousa, no edifício da escola médica.

Na edição de 20 de Abril⁹⁰, descrevem as ocorrências da sessão inaugural, com bastante pormenor, como as indumentárias dos membros da família real presentes. Foram transcritos os discursos do rei D. Carlos, Costa Allemão, Miguel Bombarda e

⁸⁸ O Século, 18 de Abril de 1906.

⁸⁹ O Século, 19 de Abril de 1906.

⁹⁰ O Século, 20 de Abril de 1906.

Hintze Ribeiro e dão nota das várias intervenções que se seguiram, por parte dos delegados dos governos estrangeiros presentes. São também enumerados depois os presidentes de honra do congresso e, por ser impossível fazê-lo de forma global, o nome de algumas das individualidades presentes neste acto solene de abertura do congresso.

Na edição de 21 de Abril⁹¹, foi publicada uma extensa reportagem sobre a “garden-party” oferecida pelos viscondes de Monserrate, “inglezes de naturalidade mas portugueses de coração”, à qual compareceram mais de 1 500 pessoas.

Em seguida, foi descrita a visita ao Instituto Bacteriologico, por parte de alguns congressistas. Lamentam a pouca afluência, ao contrário do previsto, dos convidados, talvez porque tivessem optado pela ida a Monserrate, numa subalternização do científico ao social. Todavia, os que compareceram ficaram surpresos com a visita que mostrou a forma progressiva como este instituto tem evoluído⁹². A existência de aparelhos que permitiam realizar a “photomicrographia” causou aos visitantes um “caloroso entusiasmo”. Também a visita aos laboratórios e enfermarias foi objecto de vivas palavras de apreço e admiração, por parte dos congressistas estrangeiros.

A fechar o noticiário uma curta, mas peculiar informação: “Chegou hontem a Villa Franca de Xira, vindo do Vidigal, o touro que sua magestade el-rei enviou para a tourada de Villa Franca em honra dos congressistas de medicina. É um bello cornupeto, e denota grande bravura”.

Na edição de 22 de Abril⁹³, foram noticiadas as conferências do dia⁹⁴, delas apresentando um resumo, em linguagem acessível, expurgada de termos demasiado técnicos, com o intuito dos relatos serem facilmente entendidos pelo público em geral. Algumas, pelo tom bem-humorado em que os casos clínicos eram apresentados, constituíam instrutiva e aprazível leitura. Na rubrica “As visitas de hontem”, reportam as idas, de alguns congressistas, ao Hospital do Desterro, à Penitenciária, ao Hospital de Rilhafolles, ao Castelo de S. Jorge, á Manutenção Militar, ao Museu da Artilharia, ao

⁹¹ O Século, 21 de Abril de 1906.

⁹² O Instituto Bacteriológico foi fundado em 1892, pelo Dr., Camara Pestana.

⁹³ O Século, 22 de Abril de 1906.

⁹⁴ Conferências relatadas nesta edição: Dr. Boyce (febre-amarela), Dr. Plogey (tuberculose), Dr. Pariset e Dr. Bensaude, Dr. Brissaud (infantilismo).

Parque Sanitário, ao Hospital da Estrela, ao Instituto Bacteriológico, ao Hospital e Escola Colonial, ao Posto de desinfecção pública, ao Posto marítimo de desinfecção e ao Hospital do Rego.

Todas estas visitas são pormenorizadamente descritas, nos moldes anteriormente apresentados. Concluem com os habituais relatos dos “trabalhos das secções”, com uma especial menção à conferência dada pelo Dr. Maurice Faure na “Sociedade das Sciencias Medicas”.

De realçar o facto de, sendo “O Século” um periódico generalista, ter dedicado tanto espaço e dar destaque a tantos factos científicos, o que seria mais expectável acontecer na imprensa específica, especializada, ao caso a médica.

Na edição de 23 de Abril⁹⁵, são relatadas mais visitas oficiais efectuadas pelos congressistas, no período matinal, dado que a tarde foi reservada para a tão propalada tourada real em Vila Franca de Xira, que foi muito apreciada pelos congressistas⁹⁶. Tendo em conta que, no âmbito social, este evento foi, sem dúvida alguma, um dos que mais impacto teve nos congressistas, o jornal “O Século” dele apresenta vasta e pormenorizada reportagem.

Na edição de 24 de Abril⁹⁷, prosseguem os relatos das diversas visitas, bem como das comunicações e conferências. Todos estes trabalhos são relatados de forma pormenorizada e sabedora, como se fossem para um órgão informativo especializado e não para um diário generalista, tendo como público-alvo o cidadão comum. Com toda a certeza, a descrição rica e factual aplicada pelo jornal suscitou no leitor o desejo de, também ele efectuar, quando fosse oportuno, uma visita a esses locais.

Na edição de 25 de Abril⁹⁸, para além das comunicações e conferências, relatadas com o pormenor e rigor habituais, relatam a “garden-party” ocorrida no paço das Necessidades. Classificam-na como uma “festa encantadora”. Relata o jornal que foram

⁹⁵ O Século, 23 de Abril de 1906.

⁹⁶ A ida para Vila Franca de Xira fez-se por via fluvial, sendo o regresso ferroviário. O dia ameno, a paisagem deslumbrante e a riqueza do programa social deixaram os congressistas muito satisfeitos, não se coibindo de o dizer aos seus colegas portugueses.

⁹⁷ O Século, 24 de Abril de 1906.

⁹⁸ O Século, 25 de Abril de 1906.

enviados mais de 5 000 convites, mas que devem ter estado na festa mais de 7 000, pois alguns dos ditos convites eram extensivos aos cônjuges e até familiares mais próximos. Voltando à agenda de trabalhos do congresso, na rubrica “Visitas de hontem”, são referidas as idas dos congressistas aos hospitais de S. José, S. Lazaro e Desterro; à Morgue, ao Lazareto e posto de desinfecção e aos Institutos Bacteriológico e de Higiene.

Na edição de 26 de Abril⁹⁹, saída no derradeiro dia do Congresso, na rubrica intitulada “Os ultimos trabalhos”, o jornal elogia os resultados do mesmo: “O que (...) podemos affoitamente asseverar é que o certamen que vae encerrar-se foi brilhante sobre todos os pontos de vista; foi um marco miliário, no qual em letras d’ouro se escreveu nos fastos da medicina universal mais uma data gloriosa.” E concluem, relembrando o agrado e grande satisfação sentidos e publicamente expressos, unanimemente, por todos os congressistas: “Ou por mera cortesia, ou por convicção, nenhum se tem furtado a confessar-se admirado, surpreendido pela belleza do clima, pela formusura da nossa capital, a rainha do Tejo, muito superior á geral expectativa e pelo modo como a classe medica estrangeira foi aqui acolhida pelos seus collegas, pelo nosso augusto monarcha e pelo paiz inteiro.”

Foi registado, com bastante agrado e orgulho, a proposta de ser criada em Lisboa, dadas as suas extraordinárias condições geográficas e climatéricas, uma estação marítima de biologia¹⁰⁰. São relatados as últimas comunicações, conferências, trabalhos das secções e visitas oficiais levadas a cabo pelos congressistas no derradeiro dia do congresso. Foram destacados a inauguração do “Museu Ethnografico de Belém”, dirigido por José Leite de Vasconcellos, e o simulacro de incêndio realizado num prédio no Largo do Pelourinho, como os mais relevantes do dia anterior.

O noticiário conclui dando conta que os doutores Costa Allemão e Miguel Bombarda foram agraciados, pelo rei D. Carlos, com a ”gran-cruz de Santiago”¹⁰¹. Para o jornal, “são bem cabidas estas mercês”, pois ambos os médicos “dignamente teem

⁹⁹ O Século, 26 de Abril de 1906.

¹⁰⁰ A proposta, do médico alemão Dr. Benda, acabou por ser levada a cabo. Hoje, essas instalações pertencem ao Aquário Vasco da Gama, no Dafundo.

¹⁰¹ A Ordem de Sant'Iago da Espada é uma Ordem honorífica Portuguesa que herdou o nome da Ordem de Santiago, e que é concedida por mérito literário, científico e artístico. É composta por seis graus: Grande-Colar, **Grã-Cruz**, Grande-Oficial, Comendador, Oficial e Cavaleiro ou Dama.

sabido honrar o paiz, numa já longa carreira em prol da causa da sciencia que professam”.

Na edição de 27 de Abril¹⁰², o noticiário do dia abre, com uma pequena nota, louvando a ideia do Dr. Doyen em recorrer a “projecções cinematographicas” para melhor ilustrar as suas prelecções sobre técnicas das operações cirúrgicas: “um excellent modelo que decerto veremos em breve imitado por todos os praticos”. Foi também referido o sucesso que esta iniciativa colheu junto da classe médica: “Numerosas operações perpassaram pela terceira vez aos olhos daquela douta assembléa, e cada uma d’ellas era acolhida com applauso unanime”.

Com o detalhe e rigor habituais, é descrita a sessão de encerramento, que decorreu no salão nobre do 1º andar, futura sala dos actos da nova Escola Médica. São publicados, na íntegra, os discursos de Costa Allemão, Fernandez y Caro¹⁰³, Miguel Bombarda e Calman Muller¹⁰⁴. Após os aplausos habituais, foi o congresso de Lisboa dado por encerrado, tendo-se ainda tocado o hino nacional.

A edição prossegue com notícias breves: o elogio à eficiência do “serviço telegrapho-postal”, que funcionou durante o todo o congresso em estação anexa à Escola Médica; o jantar oferecido por Miguel Bombarda de “homenagem ao comité executivo”, a atribuição de “diplomas de protectores da Liga Internacional das Mães de Família” ao rei D. Carlos, às rainhas D. Amélia e D. Maria Pia e aos elementos dos principais órgãos executivos do congresso e a partida do “Oceana”, levando a bordo grande número de congressistas estrangeiros de regresso aos seus países. Fazem ainda uma destacada menção á edição número 10 da “Illustração Portuguesa” que “será inteiramente dedicado ao XV Congresso de Medicina, compendiando n’uma profusa e minuciosa reportagem photographica todas as festas dadas em honra dos congressistas”.

Na edição de 28 de Abril¹⁰⁵, foram ainda publicadas uma mão cheia de pequenas notícias alusivas ao mesmo, entre as quais a “Conferência sobre o arthritismo” dada

¹⁰² O Século, 27 de Abril de 1906.

¹⁰³ Fernandez y Caro era o delegado oficial do governo espanhol que, como decano dos delegados presentes, por eles foi indigitado para fazer o tradicional discurso de agradecimento dos congressistas estrangeiros.

¹⁰⁴ Calman Muller iria ser o presidente do próximo congresso (Budapeste).

¹⁰⁵ O Século, 28 de Abril de 1906.

pelo Dr. Augusto Miranda; os ecos de agrado dos “facultativos” portugueses pela aprovação da proposta do colega alemão Dr. Benda para ser criada, em Lisboa, uma estação marítima de biologia e as lisonjeiras e favoráveis impressões dos congressistas sobre a semana que passaram na capital portuguesa.

Na edição de 29 de Abril¹⁰⁶, pela última vez, é dedicado um espaço, ainda que pequeno, aos assuntos relativos ao congresso que, como qualquer outro acontecimento, ao encerrar, passados uns dias, perdeu actualidade e, conseqüentemente, espaço na imprensa diária generalista. Foi dada continuidade à rubrica iniciada na edição anterior, “Impressões de congressistas”. É relatado que o professor Neisser, “uma das summidades estrangeiras que participou no congresso” - “o descobridor do “gonococco”- vai permanecer em Lisboa por uns tempos para, coadjuvado pelo Dr. Mello Breyner, realizar importantes estudos na sua especialidade, a “syphiligraphia”.

¹⁰⁶ O Século, 29 de Abril de 1906.

3.3. 1910 – O assassinato de Miguel Bombarda

Miguel Bombarda era muito respeitado e admirado pela excelência da sua obra e nobreza do seu carácter. O seu assassinato causou grande pesar nos portugueses. Se a isso acrescentarmos que era um fervoroso republicano que não chegou a ver a sua causa triunfar, estavam reunidas as condições para que a imprensa, em geral, desse grande relevo a este infeliz acontecimento.

3.3.1. Cobertura noticiosa do óbito efectuada pela “A Medicina Contemporanea”

Na edição de 16 de Outubro de 1910¹⁰⁷, em jeito de homenagem, escreve J. J. da Silva Amado: “Extinguiu-se o grande espírito do professor Miguel Bombarda, victima do crime de homicídio praticado por um louco. Grande intelligencia, grande sentimento, grande talento organisador e administrativo: eis em resumo as suas grandes qualidades, em grau verdadeiramente excepcional. (...) Como director do hospital de alienados, em Rilhafolles, exerceu tão difficil logar com critério superior e elevado sentimento philanthropico, adquirindo uma reputação de sabio alienista, onde era acatada no paiz e no estrangeiro. Onde os seus talentos de organisador se revelaram em toda a sua pujança foi na organização dos congressos de medicina, nacional e internacional, contribuindo poderosamente para que os medicos estrangeiros levassem para os seus paizes boas impressoes do nosso, especialmente do adiantado da medicina entre nós.”

Nesta edição, onde a morte do seu fundador, naturalmente, ocupa destacado espaço, optaram por dividir a homenagem a Miguel Bombarda relembando as suas diversas facetas. Cada uma delas ficou a cargo de um “redactor” distinto: do professor escreveu M. Athias; do psiquiatra, Caetano Beirão e do patriota A. de Vasconcellos. Para revelar o lado mais pessoal de Miguel Bombarda, escreveu Pinto de Magalhães as suas “Notas de um amigo – A autópsia”: “No dia 3 de Outubro, pelas “10 horas e $\frac{3}{4}$ ”, entrava Pinto de Magalhães no Hospital de S. José, pela porta de S. Amaro, quando soube que Miguel Bombarda ali se encontrava, dado ter sido alvejado duas vezes por um louco em Rilhafolles, de onde viera acompanhado pelo Dr. Caetano Beirão. A vítima tinha pedido para chamarem Brito Camacho e João Menezes com quem queria falar. O Dr. Francisco Gentil, a quem Miguel Bombarda queria como um filho, iria operá-lo em seguida. Havia dois ferimentos de bala, causados por uma pistola Browning

¹⁰⁷ A Medicina Contemporanea, Hebdomadário Portuguez de Sciencias Medicas, 16 de Outubro de 1910.

– assim o afirmara a vítima. (...) Miguel Bombarda queixava-se que lhe custava respirar, mas ainda lhe disse: “Morrer assim é estúpido!... E há tanto malandro que ia ficar radiante!... Esta noite, Magalhães, podia eu morrer pela República”.

A autópsia foi realizada no dia seguinte, pelas três da tarde, na Escola Médica. Pinto de Magalhães é um dos presentes: “Elle tinha lesões chronicas taes, em órgãos á vida tao essenciaes, que inevitavelmente ao meu espírito ocorre a ideia de que, positivamente, a vida do Prof. Bombarda corria graves riscos.” O enterro de Miguel Bombarda – considerado pelo governo como funeral nacional, atendendo aos serviços prestados à causa republicana – que se revestiu de uma imponência excepcional, foi objecto de vasta reportagem. O emotivo discurso que Silva Amado, em nome da Escola Médica de Lisboa e como presidente da Academia Real das Sciencias, proferiu no cemitério foi integralmente transcrito.

Também Augusto de Vasconcellos escreveu emotivo: “Foi este homem, que ante a morte eminente conservou integra, a mais alta noção de humanidade e de generosidade, que se propunha horas depois a sacrificar-se na conquista de um ideal de justiça e de verdade, que a bala de um alienado, quem sabe por que sinistras sugestões, prostrou para sempre no caminho da redempção que elle entrevia. Que o seu exemplo perdure e que as novas gerações, que já não teem a fortuna de o ter como educador, aprendam na história da sua vida toda a grandeza da estrutura moral de uma figura que desaparece quando a pátria mais precisava dos seus talentos e energias. Que a victoria do ideal, por que elle se sacrificava, sirva de lenitivo á dor que nos punge.”

Publicam depois as habituais, nestas circunstâncias, “Notas Biographicas”. Por esta altura, a Redacção do jornal era constituída por Pinto de Magalhaes, Reynaldo dos Santos e António de Azevedo (secretário). A direcção do jornal, após a morte de Miguel Bombarda, passou para o Prof. Bello Moraes¹⁰⁸.

3.3.2. Cobertura noticiosa do óbito efectuada pelo “Diário de Notícias”

O jornal “Diário de Notícias” dedica duas edições ao óbito de Sousa Martins: a de 4 de Outubro, noticiando a sua morte, e a de 15 de Outubro o seu funeral.

¹⁰⁸ Estas alterações entraram em vigor desde o número 44, de 6 de Novembro de 1910.

Na edição de 4 de Outubro¹⁰⁹, o jornal “Diário de Notícias” começa por lamentar o acto de “um louco, um official habilitado com um curso superior que assassinou hontem a tiros de pistola Browning o eminente professor e medico Dr. Bombarda, privando o paiz e a medicina de um espirito lucidíssimo e de um homem illustre pelas suas faculdades e qualidades.” O artigo prossegue, com os dados biográficos e o currículo do clínico assassinado.

De seguida, com o título “No hospital de Rilhafolles – Visita de um antigo internado”, narram, com bastante pormenor, o assassinato de Miguel Bombarda - no seu gabinete, pelas onze horas da manhã – perpetrado por um seu antigo paciente, o tenente de infantaria Apparicio Rebello dos Santos. Com o título “Três tiros de pistola automatica”, é descrita a forma fria como o assassino, que estava armado com “uma pistola Browning de repetição automatica”, alvejou por três vezes a vítima que, depois de ficar momentaneamente desfalecido, ainda exclamou, para os empregados do hospital que, ouvidos os tiros, se apressaram a entrar no gabinete tendo imobilizado o agressor: “Não o maltratem, que é um doido!”

O assassino conservou-se “taciturno e concentrado (...) manietado n’um collete de forças e encerrado num berço”. Os momentos que se seguiram foram narrados com bastante pormenor, dando especial destaque à forma como o Miguel Bombarda ainda procurava animar as pessoas que, “com a rapidez vertiginosa das más novas”, acabaram por se dirigir para o hospital e, emocionadas, temiam o pior: “Então o que é isso!... Vocês não veem que eu estou em boas mãos?! Em dez minutos «isto» está cá fora! «Isto», lembra o jornal, “eram as balas que se lhe haviam alojado no ventre”.

De seguida, o jornal dá conta dos acontecimentos anteriores à intervenção cirúrgica. O Dr. Bombarda, ainda consciente, até “relatou serenamente o attentado contra elle praticado” aos presentes. Sob os titulos “A operação – Lesões encontradas”, “O estado do illustre professor aggrava-se de momento para momento” e “A Morte” é dado conta aos leitores dos infrutíferos esforços, levados a cabo pela equipa de médicos presentes no bloco operatório, para tentar salvar a vida de Miguel Bombarda.

Houve grande agitação nas ruas depois da morte de Miguel Bombarda se ter tornado pública. Convém não esquecer que, por infeliz coincidência, a morte de Miguel

¹⁰⁹ Diário de Notícias, 4 de Outubro de 1910.

Bombarda ocorreu em ambiente de pré-revolução. A multidão que se quis ir despedir, aos Passos Perdidos da Escola Médica, ao sair encontrava nas ruas um ambiente de revolta.

Na edição de 15 de Outubro¹¹⁰, é noticiado o funeral. Implantada a República, e tendo sido o malogrado clínico um expoente desse movimento, foi alvo de um funeral com honras de estado, simultâneo com o do Almirante (Carlos Cândido dos) Reis¹¹¹. O jornal relata como decorreram as cerimónias fúnebres destes dois republicanos que não chegaram a viver a alegria de assistir à implantação da República.

3.3.3. Cobertura noticiosa do congresso efectuada pelo “O Século”

O jornal “O Século” dedica três edições ao óbito de Sousa Martins: a de 4 de Outubro, noticiando a sua morte, a de 15 de Outubro exortando as pessoas a comparecerem nas cerimónias fúnebres e a de 16 de Outubro narrando o funeral.

Na edição de 4 de Outubro¹¹², o jornal “O Século” dedica metade da sua primeira página ao assassinato de Miguel Bombarda, ocorrido no dia anterior, apresentando uma extensa e pormenorizada reportagem sobre a cronologia do fatídico acontecimento. Três fotografias ilustram a peça: uma de Miguel Bombarda, outra do seu assassino Apparicio Rebello dos Santos e a terceira do alvejado, deitado numa maca, na sala de operações. Apresentam, a seguir, uma pequena biografia do “louco” que, como frisam no título dessa peça, apareceu no hospital, aparentemente sereno, tendo cometido o crime com a maior naturalidade”. Nessa “biografia” são também mencionados os seus “antecedentes clínicos” que, já por altura dos seus estudos militares, se manifestava sob a forma de um cada vez mais acentuado “delírio de perseguição”. Após vários internamentos depois de Rilhafolles, os últimos dos quais em Londres e Paris, regressou a Lisboa “visivelmente melhorado, embora, de quando em quando, taciturno e melancólico, se concentrasse n’um mutismo assustador”.

Narram, à semelhança do jornal da concorrência, com minúcia, o atentado e o desenrolar quer da operação, quer do ambiente vivido no hospital pelos muitos

¹¹⁰ Diário de Notícias, 15 de Outubro de 1910.

¹¹¹ O Almirante Carlos Cândido dos Reis era um ilustre militar e um dos principais organizadores da revolta. Tinha sido encontrado morto na Azinhaga das Freiras, a 4 de Outubro. Ao que dizem, ter-se-á suicidado ao julgar falhada a intentona republicana, numa acção potenciada pelo seu temperamento hipocondríaco.

¹¹² O Século, 4 de Outubro de 1910.

presentes que por ali se mantinham, aguardando o desfecho dos acontecimentos que, como infelizmente se veio a verificar, não foi o que todos ansiavam. Passavam cinco minutos das seis horas da tarde quando Miguel Bombarda morreu. O jornal descreve todos os acontecimentos que se seguiram, que culminaram com um comovido e improvisado cortejo fúnebre, tendo o cadáver do ilustre médico sido transportado, numa maca, para a Escola Médica que ele tanto estimava.

São publicadas depois as várias manifestações de condolência tornadas públicas pelas individualidades que manifestaram o seu pesar pelo falecimento de Miguel Bombarda. O noticiário do dia prossegue com o relato de diversos incidentes ocorridos nas ruas, como já ficou bem claro atrás, na similar reportagem que o Diário de notícias efectuou.

São apresentados, de seguida, mais dados biográficos quer do assassino quer da vítima. Destaque para o perfil de Miguel Bombarda como “clínico”, como “homem de sciencia, sabio e erudito” e como “cidadão e propagador das idéas liberaes”. Concluem “ressoando os ecos” da morte de Bombarda num artigo de título “Fóra de Lisboa – No Porto e em outras terras do paiz, foi profunda a impressão pelo acontecimento” e dando conta dos “vários telegramas de condolência e protesto” recebidos no Centro de S. Carlos.

Na edição de 15 de Outubro¹¹³, numa coluna intitulada “Miguel Bombarda, Candido dos Reis” várias instituições “convidam” os seus membros a comparecerem nos funerais destes dois republicanos que a morte juntou.

Na edição de 16 de Outubro¹¹⁴, na primeira página, o jornal - numa espécie de editorial, “Honra aos Mortos!” - presta a sua homenagem aos dois republicanos.

¹¹³ O Século, 15 de Outubro de 1910.

¹¹⁴ O Século, 16 de Outubro de 1910.

3.4. 1949 – A atribuição do prémio Nobel da Medicina a Egas Moniz

Egas Moniz¹¹⁵ ocupa um lugar de destaque na medicina e cultura portuguesas. De facto o nosso, até agora, único prémio Nobel da Medicina e Fisiologia era um homem polifacetado¹¹⁶.

3.4.1. Cobertura noticiosa da atribuição do Nobel efectuada pela “A Medicina Contemporanea”

Por esta altura, “A Medicina Contemporanea” tinha periodicidade mensal. Nos seus números de Novembro e Dezembro¹¹⁷, foram publicados importantes testemunhos. Intitulado “Ao professor Egas Moniz, Prémio Nobel da Medicina e Fisiologia¹¹⁸ 1949, em homenagem e comemoração do mais notável acontecimento na história da medicina portuguesa”, após se dado destaque a uma foto do professor laureado com o Nobel, é transcrito o “Relatório enviado à Comissão do Prémio Nobel de Fisiologia e Medicina do Real Instituto Carolino, em Estocolmo”, no qual são realçadas as “duas importantes descobertas com que Egas Moniz enriqueceu a ciência médica, a angiografia cerebral e a leucotomia prefrontal, as quais, desenvolvidas durante vinte anos pelo labor incessante do seu criador, alcançaram pouco a pouco a adesão geral dos clínicos e receberam a consagração das individualidades de maior nomeada no domínio da neurocirurgia e da psiquiatria”. No relatório referido, António Flores descreve, de forma clara, esses dois grandes contributos para a evolução da ciência médica: a angiografia cerebral e a leucotomia pré-frontal.

¹¹⁵ Egas Moniz foi o nome adoptado por António Caetano de Abreu Freire (1874-1955), por insistência do seu padrinho, a partir da altura em que tomou conhecimento, via árvore genealógica, que o afilhado era descendente do homónimo aio de D. Afonso Henriques.

¹¹⁶ Além de médico, investigador e professor universitário foi também conferencista, escritor, crítico de arte, diplomata, ministro, deputado e homem de estado. Nota curiosa: A sua tese de doutoramento “Vida Sexual – Patologia” só podia ser adquirida com receita médica.

¹¹⁷ A Medicina Contemporanea, Hebdomadário Portuguez de Sciencias Medicas, Dezembro de 1949.

¹¹⁸ O Prémio Nobel da Medicina atribui-se desde 1901.

3.4.2. Cobertura noticiosa da atribuição do Nobel efectuada pelo “Diário de Notícias”

Na primeira página da sua edição de 28 de Outubro¹¹⁹, com título “Glória á Ciencia Portuguesa - O Premio Nobel de Medicina e Fisiologia foi atribuído a Egas Moniz que é o primeiro português a receber tão alta distinção”, o jornal começa por publicar a breve nota emitida por uma agência telegráfica, a partir de Estocolmo. Depois, dão-nos conta do “justificado jubilo” e “vivas demonstrações de apreço” manifestados por varias entidades e individualidades portuguesas com esta atribuição do prémio Nobel, bem como da “incessante romaria dos correspondentes e cronistas em Lisboa, dos mais importantes diarios europeus”, frisando o jornal que “quase todos estavam já documentados sobre a valia da obra científica do prof. Egas Moniz”.

De seguida, são descritas, com pormenor e rigor científico, as etapas do caminho que levou Egas Moniz ao Nobel. Depois, são apresentados pequenos artigos, entre os quais uma breve entrevista ao então recém laureado com o Nobel, bem como uma reportagem feita a partir do testemunho de amigos e colegas.

3.4.3. Cobertura noticiosa do congresso efectuada pelo “O Século”

Na sua edição de 28 de Outubro¹²⁰, titula o jornal na sua primeira página: ”Ao prof. Egas Moniz, glória da ciência portuguesa, foi atribuído o Prémio Nobel de Fisiologia e Medicina em comparticipação com o sábio suíço prof. Walter Rudolf Hess¹²¹. O artigo é bastante elogioso, mencionando mesmo a sua obra *Confidências de um investigador científico*¹²², na qual o laureado com o Nobel descreve a sua luta para “fazer vingar o seu método”. A cobertura noticiosa encerra com mais duas peças intituladas “A personalidade do professor suíço Wilhelm Rudolph Hess” e “As personalidades científicas que obtiveram até hoje o prémio Nobel de Fisiologia e Medicina”.

¹¹⁹ Diário de Notícias, 28 de Outubro de 1949.

¹²⁰ O Século, 28 de Outubro de 1949.

¹²¹ Walter Rudolf Hess (1881-1973) foi um fisiologista suíço que partilhou com Egas Moniz o Prémio Nobel da Medicina e Fisiologia de 1949, devido aos seus estudos em que assinalava as regiões do cérebro que estavam relacionadas com o controle dos órgãos internos do corpo humano.

¹²² *Confidências de um investigador científico*, é uma obra de cariz biográfico de Egas Moniz onde dá conta das suas investigações, descrevendo os árduos caminhos trilhados até as conseguir pôr em prática.

3.5. 1955 – O óbito de Egas Moniz

Egas Moniz morreu seis anos depois de ter recebido o Prémio Nobel da Medicina e Fisiologia. Para além da irreparável perda para a prática e a investigação no âmbito da ciência médica, deixou o país órfão da sua imponente personalidade. Tinha uma energia inesgotável, apesar de sofrer de gota desde muito novo; Interessou-se por tudo o que era ciência, arte e cultura¹²³. Felizmente não viveu para assistir aos esforços de um movimento¹²⁴, originário nos EUA, para lhe retirar o Nobel, alegando os efeitos nefastos da leucotomia¹²⁵. Alexandre Castro Caldas¹²⁶ contesta tais propósitos: “O prémio Nobel foi-lhe atribuído por um trabalho que abriu portas a um desenvolvimento científico e não pela prática clínica (...) A aplicação errada da técnica desenvolvida por Egas Moniz não lhe pode ser imputada”¹²⁷.

3.5.1. Cobertura noticiosa do óbito efectuada pela “A Medicina Contemporanea”

Na edição mensal de Dezembro de 1955¹²⁸, a notícia da morte de Egas Moniz teve um impacto ainda maior que na generalidade da imprensa pois, desde 1945, era director desta publicação. Fiquemos com alguns trechos do editorial que lhe foi dedicado: “A juventude dos seus 81 anos, o fulgor da sua inteligência madura, a que a larga experiência juntara uma erudição natural, os conhecimentos profundos de todos os temas em que se metia, a amizade sólida que tinha para com os seus amigos e colaboradores, tudo o tornava presente e não deixava entrever que pudesse acabar. (...) Homem culto, académico insigne, investigador notável, profissional distinto, político incorrupto, amigo dedicado, chefe de família exemplar, cada faceta da sua personalidade dá por si um assunto de meditação e estudo. (...) Como o navio que perdeu o seu capitão e a família que perdeu o seu chefe, A Medicina Contemporânea, ao

¹²³ TORRES PEREIRA, Artur, SILVEIRA BOTELHO, Luís, SOARES, Jorge, A Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa e os seus presidentes (1835-2006), Fundação Oriente: Maia, 2006.

¹²⁴ O movimento foi iniciado por Christine Johnson, uma bibliotecária nova-iorquina cuja avó, Behula Jones, foi lobotomizada em 1954 e passou o resto da vida internada em estabelecimentos psiquiátricos, até morrer, em 1989.

¹²⁵ FERREIRA, Manuel Ricardo, Diário de Notícias, 21 de Julho de 2005.

¹²⁶ Alexandre Castro Caldas (1948), neurologista, actual Director do Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Católica Portuguesa, director do Centro de Estudos Egas Moniz.

¹²⁷ O médico americano Walter Freeman foi o pioneiro da divulgação do método nos Estados Unidos. Tendo sido feitas cerca de 50 mil lobotomias – designação que passou a ser usada em vez de leucotomia - mas apenas 10% foram bem sucedidas.

¹²⁸ A Medicina Contemporanea, Hebdomadário Portuguez de Sciencias Medicas, Dezembro de 1955.

perder o seu director, está num momento de dor. Mas, como sempre, a vida seguirá, com maus e bons momentos, com a tempestade e a bonança. Foi-se Egas Moniz, ficamos com a sua lição.”

3.5.2. Cobertura noticiosa do óbito efectuada pelo “Diário de Notícias”

Na edição de 14 de Dezembro¹²⁹, Egas Moniz é definido como uma “figura de extraordinário relevo na vida portuguesa deste século”. Destacam a sua polifacetada valência: “Médico, professor, escritor, diplomata, político – em nenhum destes aspectos da sua actuação se reduziu o fulgor da sua intelectualidade tão surpreendentemente dotada”. Prosseguem com a enumeração, ainda que sucinta, do currículo científico do falecido, como costume nestas circunstâncias, e publicam uma foto do falecido. Destacam, também, a sua faceta política: “as suas ideias liberais levaram-no a combater o franquismo e a tomar parte no malogrado movimento de 1908, que chegou a levá-lo á prisão”. O seu trabalho literário é enaltecido: são mencionadas as biografias de Júlio Dinis, do Abade Faria e do Papa João XXI; obras como “A necrofilia de Camilo Castelo Branco”, “Do valor e da saudade”; ensaios de arte sobre Malhoa e Maurício de Almeida, para além de registos de memórias como “Um ano de política” e “Confidências de um investigador científico”. Num cunho mais pessoal, referem “A nossa casa”, obra emotiva de pendor biográfico, onde a sua infância e juventude são narradas num estilo mais literário.

Na edição de 15 de Dezembro¹³⁰, é mencionado o elogio do Prof. Egas Moniz, efectuado na Assembleia Nacional por Cid dos Santos e Mendes Correia e informam que a Academia das Ciências encerra os seus trabalhos durante três dias, em sinal de luto. A peça encerra referindo as individualidades que, à saída do corpo de Egas Moniz de Lisboa para Avanca, estiveram presentes para lhe prestar as derradeiras homenagens.

¹²⁹ Diário de Notícias, 14 de Dezembro de 1955.

¹³⁰ Diário de Notícias, 15 de Dezembro de 1955.

3.5.3. Cobertura noticiosa do congresso efectuada pelo “O Século”

Na primeira página da edição de 14 de Dezembro¹³¹, num artigo bastante elogioso, são enumeradas as qualidades que fizeram de Egas Moniz uma personalidade ímpar para a ciência e cultura lusitanas, abrindo a sua morte uma lacuna na vida portuguesa. A peça encerra, de forma emotiva, referindo a “comovida gratidão” que o país deve à memória de Egas Moniz.

Na edição de 15 de Dezembro¹³², é indicado o local da sepultura de Egas Moniz, que vai ficar em campa rasa.

Na edição de 16 de Dezembro¹³³, são referidos os ecos da morte de Egas Moniz na imprensa internacional, bem como da imponência do seu funeral. A peça termina mencionando que a casa de Egas Moniz, em Avanca, será transformada em museu após o falecimento da sua esposa, sua herdeira universal.

¹³¹ O Século, 14 de Dezembro de 1955.

¹³² O Século, 15 de Dezembro de 1955.

¹³³ O Século, 16 de Dezembro de 1955.

Considerações Finais

A leitura, ainda que não integral, das edições do “hebdomadário de sciencias medicas” criado por esse trio famoso – Miguel Bombarda, Sousa Martins e Manuel Bento de Sousa – não se confina, apenas e só, a oferecer aos seus leitores um cabal entendimento de como evoluiu a medicina portuguesa, e não só, ao longo de quase um século da sua vida como periódico.

O seu legado representa bem mais que isso. Há que reconhecer que, indubitavelmente, acabou por se tornar uma viva e expressiva fonte histórica e um importante retrato do quotidiano das épocas que atravessou.

Se a isso juntarmos a riqueza literária da sua prosa, que não ficava balizada pelo vocabulário técnico e específico da área científica que abarcava, podemos assegurar que as suas edições constituem uma valorosa fonte de conhecimentos.

Por outro lado, a consciência social – exponenciada pelos seus elevados padrões morais e alicerçados éticos valores – confere-lhes, ainda, as basilares qualidades esperadas dos políticos em geral, sem excepção. Não admira pois que muitos médicos tenham abraçado a vida política, esperançados em contribuir para construir uma sociedade mais equitativa e liberal. Tinham, e têm peso no contexto social.

Ora tendo em conta que o discurso fluente e a eloquência da retórica potenciam a acção política ao galvanizar plateias – ora as mobilizando, ora nelas criando um permanente e racional exercício de hegeliana dialéctica – estavam reunidas as condições para que este triunvirato fundador da “A Medicina Contemporanea” tenham deixado, na história, bem mais que a sua marca como clínicos de excepção. Se a eles acrescentarmos Egas Moniz – também ele um homem das letras e cultura – que, desde 1945 até à data da sua morte, em 1955 – foi director do jornal em estudo, poderemos concluir que, a elaboração deste periódico, sempre pode contar com uma elite cultural da sociedade portuguesa.

Durante o período de existência deste jornal viveram-se momentos conturbados, tendo ocorrido sobressaltados acontecimentos que, muito amiúde, originaram actos de censura e de perseguição aos membros da imprensa generalista. Como a imprensa científica estaria, aparentemente, alheada dessa realidade não sofria tais limitações e podia, subtilmente, passar “mensagens revolucionárias”, de forma quase subliminar.

No estudo comparado que foi feito com dois órgãos de referência como o “Diário de Notícias” e o extinto “Século”, foram escolhidos cinco “acontecimentos de referência na vida médica”, para que, com equidade, se pudesse realizar essa análise. E, o que não deixa de ser curioso, embora pudesse ser espectável que – o congresso de 1906 é um bom exemplo disso – assuntos mais técnicos ficassem arredios da imprensa generalista enquanto que os de carácter mais social ficassem arredios da “A Medicina Contemporanea” tal não acontece. É que a sociabilidade científica que se cria nestes acontecimentos sociais acaba por ser um factor muito importante, até mesmo determinante, nos contextos científicos.

Os jornais generalistas publicaram exaustivamente os “trabalhos das secções”, bem como as visitas dos congressistas de carácter científico, mas na “A Medicina Contemporanea” também foram relatados, com pormenor, os acontecimentos sociais mais relevantes do congresso. Tal prática foi comum à cobertura noticiosa de todos os outros congressos, pois os acontecimentos de carácter social eram parte integrante dos seus programas oficiais.

Diferenças houve no volume de informação publicada, pois um semanário não pode ter uma abertura tão abrangente como a de um jornal diário. Ainda tomando a cobertura noticiosa do congresso como referência, curioso foi como os ecos da imprensa médica estrangeira – de que apenas a “A Medicina Contemporanea” faz eco – são também, grande parte delas, de carácter social, louvando mesmo o nosso país e suas gentes. Aí está, talvez, a principal vantagem de um semanário de imprensa específica sobre diários generalistas. Acabado o congresso, deixou de ser notícia nos jornais diários, mas os seus ecos continuaram a ressoar na “Medicina Contemporanea”.

Mas a ciência não é feita só de “acontecimentos de referência”. E assim, a análise de exemplares da “A Medicina Contemporanea” de outras épocas mostra a razão de ser principal da sua existência: levar aos médicos o conhecimento do que, nas diversas especialidades existentes, se tem produzido. Se virmos as edições de 1883 e 1900, casos que foram estudados, constatamos que nos primeiros números do jornal de cada ano é feito um balanço do que, especialidade a especialidade, se tinha feito – em Portugal e no estrangeiro – nessas áreas. E não era uma mera narração descritiva. O autor do texto, o médico/jornalista, como que num relatório, apresentava uma opinião crítica sobre esses factos de ordem médica.

Outra vantagem que este órgão informativo, específico, apresenta sobre os generalistas é que era um espaço de divulgação – como hoje ainda acontece, mas com outros meios como a internet – dos trabalhos que cada clínico pretendesse apresentar aos seus pares.

Mesmo no contexto da imprensa médica, o facto de este jornal ser “generalista” – isto é abarcar todas as especialidades – e não de uma em particular, granjeava-lhe, desde logo, uma audiência mais ampla, para além de que, muitas vezes, os assuntos de determinada especialidade poderem ser alvo do interesse de clínicos de outra.

Curiosamente, já por alturas do “Congresso Internacional de Medicina” de 1906 esse era um tema recorrente: deveria continuar a haver congressos “generalistas” ou cada especialidade, autonomicamente, deveria criar os seus próprios congressos?

Pois a *Medicina Contemporanea* já na altura deu a sua inequívoca resposta. E manteve-a, coerentemente, até ao seu derradeiro número em Dezembro de 1974.

Para terminar, um tema fascinante que, por si só, mereceria um estudo mais aprofundado: a publicidade de carácter médico, ao longo dos tempos.

Hoje, pode ser o médico quem toma a decisão de escolher este ou aquele medicamento, problemática dos genéricos à parte. Mas, então como agora, o paciente deve e pode ter conhecimento das “indicações” próprias de cada medicamento.

A publicidade, nessa fase inicial, era aparentemente pueril. Mas era-o, em termos gerais. Não apenas na vertente médica. Era uma fase na qual se valorizava a “performance” do produto, não as “vantagens” em o usar. Interessava se o medicamento curava a constipação, não que actor X ou o desportista Y o tomassem.

Em outras épocas, por exemplo as décadas de cinquenta ou sessenta já não era assim. E agora, como é? Como evoluiu a publicidade em geral, e a médica em particular, ao longo dos tempos?

Outro aspecto curioso deste trabalho, quando estamos em transição para a aplicação do novo acordo ortográfico, assenta mesmo nessa evolução. Um pormenor curioso que salta à vista prende-se com a “pouca” acentuação das palavras nas primeiras edições que analisámos, referimo-nos ao período 1883-1910. Curiosamente, de 2012 em

diante, voltaremos a escrevê-las dessa mesma forma. Também as mudanças da língua, neste contexto, obedecem a uma reflexão.

Em jeito de conclusão, reafirma-se a convicção de que a leitura das diversas edições de “A Medicina Contemporanea”, para além dos conhecimentos científicos inerentes a uma publicação deste teor, confere uma excelente perspectiva histórica do quotidiano das épocas que atravessa e uma fonte inesgotável no contexto da história da ciência.

A par disso, na verdadeira acepção do dito popular “juntar o útil ao agradável”, a qualidade e riqueza literárias dos textos publicados conferem a essa leitura, como nunca é demais referir, um suplementar, inesperado e agradável prazer que os torna únicos.

Anexos

Nas páginas seguintes são apresentadas 16 fotografias – com a competente legenda a seguir indicada – e três páginas com alguma da publicidade de teor medicinal que, na primeira década do século XX, foi publicada na “A Medicina Contemporânea”.

Legendas das Fotografias

- 1 - Sousa Martins
- 2 - Miguel Bombarda
- 3 - Manuel Bento de Sousa
- 4 - Egas Moniz
- 5 - *A Medicina Contemporanea* – primeira edição (7 Janeiro de 1883)
- 6 - A Nova Escola Médica (*A Medicina Contemporanea*, 8 de Abril de 1906)
- 7 - Relatório de Miguel Bombarda “Confusão mental primitiva. Crime de assassinato” (*A Medicina Contemporanea*, 1 de Fevereiro de 1900)
- 8 - O “Mudo d’Alcantara” (*A Medicina Contemporanea*, 14 de Outubro de 1910)
- 9 - Primeiro monumento erigido a Sousa Martins (*A Medicina Contemporanea*, 11 de Março de 1900)
- 10 - Morte de Sousa Martins – O cortejo fúnebre, passando na Praça Serpa Pinto, em Alhandra; Casa onde nasceu Sousa Martins; Casa, nos arredores de Alhandra, onde faleceu Sousa Martins (*O Século*, 21 de Agosto de 1897)
- 11 - Assassinato de Miguel Bombarda (*O Século*, 4 de Outubro de 1910)
- 12 - Morte de Miguel Bombarda (*Diário de Notícias*, 4 de Outubro de 1910)
- 13 - Abertura do XV Congresso de Medicina (*Diário de Notícias*, 19 de Abril de 1906)
- 14 - Abertura do XV Congresso de Medicina (*O Século*, 19 de Abril de 1906)
- 15 - Rua do Crucifixo, 81, 1º - Redacção da primeira edição de “A Medicina Contemporanea”
- 16 - Rua Áurea, 188, Redacção da última edição de “A Medicina Contemporânea”





9



10



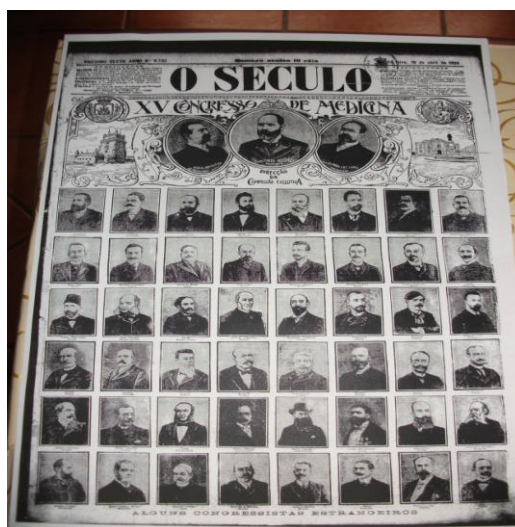
11



12



13



14



15



16

**GOTTA, CALCULOS
RHEUMATISMO**
são COMBATIDOS com bom RESULTADO
pelos
**SAES DE LITHINA
EFFERVESCENTES
LE PERDRIEL**
(Carbonato, Benzoato, Salicylato, Citrato,
Glycerophosphato, Bromhydrato).

Superior a todos os outros
dissolventes do acido urico,
pela sua acção curativa sobre
a propria diathese arthritica.
O acido carbonico NASCENTES
que d'elle se desinvolva e se
combina molecularmente
com a Lithina e assegura a
efficacia d'esta.

**ESPECIFICAR o Nome
"LE PERDRIEL" para evitar
a substituição de similares inac-
tivos, impuros ou mal dosados.**

LE PERDRIEL & Co, 11, Rue Milton, Paris
E TODAS AS PHARMACIAS

Muiracitina
ESPECIFICO CONTRA A
"Impotentia Virilis"
INDICAÇÃO:
NEURASTHENIA SEXUALIS
IMPOTENTIA COEUNDI

BROCHURAS:
Prof. Dr. J. Newimny, reitor da Universidade de
Innsbruck e Dr. Robert L. Braun, director da casa de
saude de Vienna:—O tratamento da impotencia funcio-
nal pela **MUIRACITINA**.
Dr. J. Waitz, da Faculdade de Medicina de Paris:—
A impotencia viril e a sua cura pela **MUIRACITINA**.
As brochuras e amostras curiam-se gratuitamente aos alu-
natos que as requisitarem.

Handelsgesellschaft Noris Zahn & Co. — Berlin. G. 2.
Representante para Portugal:
Paul Lambert
Praça Duque da Terceira, 11, 1.º — Lisboa

PRISÃO DE VENTRE
O unico remedio prescripto por todos os medicos para a cura
da Prisão de Ventre e de suas consequencias é a
CASCARINE LEPRINCE (tome-se duas pilulas
de tarde ao jantar).
Em todas as Pharmacias. — EXIGIR SEMPRE o ROBR impresso em cada pilula.

**ELIXIR GENGIVAL SAPONACEO BOROTADO
ANDRADE**
PÓS DENTIFRICOS BOROTADOS ANDRADE
PASTA DENTIFRICA BOROTADA ANDRADE
Preparações exclusivas da nossa casa

Estes productos são dos de melhores resul-
tados na hygiene da bocca.
Branqueiam e ficam os dentes, sem lhes
alterar o esmalte, tonificam as gengivas e dis-
sipam o mau halito, desinfectam a bocca.
São usados e aconselhados por muitos me-
dicos, no que tem a sua melhor recommen-
dação.

PHARMACIA FREIRE DE ANDRADE & IRMÃO
128 a 127 — Rua do Alcerim — LISBOA
ANEXO: Laboratorio de analyses chimicas microscopicas
e bacteriologicas, — clinicas, industriaes e agricolas. Es-
terelisações pelos methodos Pasteur, etc.

Elixir Polybromado de Barral
FORMULA ADOPTADA PELO EX.º CLINICO
DR. BETTENCOURT RODRIGUES
Cada colher de sopa d'este elixir contém 15 decigrammas
dos brometos: de potassio, sodio e ammonio
Util nas affecções nervosas, e sobre tudo na epilepsia
126 — RUA AUREA — 126
LISBOA

**"O purgante das Familias,"
HUNYADI JÁNOS**
A melhor agua purgativa natural
Efeito seguro e agradável
Reputação universal
Cuidado com as falsificações
Só é legitima tendo o rotulo e a rolha o nome de
ANDREAS SAXLEHNER, BUDAPEST
A venda em todas as pharmacias e drogarias
DEPOSITO: Rua do Arco do Bandeira, 39, 2.º

FERRO QUEVENNE
O VERDADEIRO
FERRO QUEVENNE
é pardo ardoso. Exija-se o Sello de "TINTON des FABRICANTS"
Paris 14, Rue des Deux Arts. — LISBOA: J. FERREIRA, R. do Carmo 274.

Unico Approvado pela ACADEMIA de MEDICINA de PARIS
para curar **CHLORO-ANEMIA**
O FERRO QUEVENNE
é FALSIFICADO
e 121-122-123

 **INDUSTRIA PORTUGUEZA**

OLEO DE FIGADOS DE BACALHAU *Arriaga* **Para uso medico**

PREPARADO SOB A DIRECÇÃO DO
Dr. G. O. d'Arriaga

DEPOSITARIOS
Pereira & Lane
100, Rua de S. Julião, 2.^o
LISBOA

REPRESENTANTE NO PORTO
BERNHARD LEUSCHNER
Rua Infante D. Henrique, 63

DOENÇAS DAS SENHORAS

OVULOS VAGINAES-ANDRADE
DE
Glycerina solidificada

Esta fórmula de medicamento, modernamente introduzida na pratica medica, é a mais efficaz no tratamento de muitas doenças das senhoras. São de facil applicação e, pela sua fuzão lenta, asseguram uma acção prolongada do medicamento. Preparam-se associando-lhes quaesquer substancias que o clinico entenda dever applicar por meio dos orales vaginaes.

SUPPOSITORIOS-ANDRADE
DE
GLYCERINA SOLIDIFICADA

Produzem no fim de 10 minutos uma evacuação normal. São de facil applicação e, por serem inoffensivos, podem ser usados por creanças, senhoras, mesmo durante o periodo da gravidez e da amamentação, velhos, doentes, etc.
Não enfraquecem o intestino, e do seu uso prolongado pôde conseguir-se que aquella funcção volte a exercer-se naturalmente.

PHARMACIA FREIRE DE ANDRADE & IRMÃO
128 e 127 — Rua de Alcega — LISBOA

ANNEXO: Laboratorio de analyses chimicas microscopicas e bacteriologicas, — clinicas, industriaes e agricolas. Esterilisações pelos methodos Pasteur, etc.

PRISAO DE VENTRE
PILULAS DE CASCARA MIDY *Luldy*

Producto natural e completo
O mais suave e o mais seguro
LAXATIVO

não produzindo nem cólicas, nem náuseas, nem diarrheia.
Prescripto pelas Summidades medicas de todas as partes do mundo em todas as doenças da gravidez e da amamentação.

DOSE: 1 ou 2 pilulas a noite, a escolha do medico.
12 caixas de 10 pilulas.
Pharmacie MIDY, 119, Faubourg Saint-Honoré, Paris.

COCAÍNA MIDY
PASTILHAS CHLORO-BORATADAS

Contendo cada uma:
0.002 Chlorhydrate de Cocaína.
0.05 Biorato de Soda.
0.65 Chlorato de Potassa.

**PHARYNGITES
LARYNGITES
ANGINAS - AMYGDALITES
GRANULAÇÕES, etc.**

10 a 12 pastilhas por dia.
Calza de algibeira junto a cada frasco.
Pharmacie MIDY, 119, Faubourg Saint-Honoré, Paris.

FARINHA LACTEA NESTLE *para* **crianças e Pessoas Edosas.**

contem
o LEITE PURO das Vacas Suissas.

LEITE CONCENTRADO NESTLE


Marka de Fabrica

SEM PERIGO DA TUBERCULOSE

ANTIMORPHINA

ESPECIFICO CONTRA A MORPHINOMANIA

Serve para substituir qualquer dose de Morphina, Opio, etc.

SUPPRESSÃO IMMEDIATA DA SERINGA

Enviam-se brochuras a quem as requisitar

Este preparado só pode ser vendido com receita do facultativo

PAUL LAMBERT
Lisboa—Praça Duque da Terceira, 11, 1.º

AGUAS DE VIDAGO FONTE CAMPILHO

Bi-carbonatadas sodicas, gazo-carbonicas fortes, ferreas,
lithinadas, fluoretadas e arsenicadas

Premiadas em todas as exposições
Medalha de ouro na de 1897

A analyse bacteriologica, feita na origem pelo ex.^{mo} sr. dr.
Arantes Pereira, revelou pertencerem á classe PURISSIMAS do
quadro de Miguel.

Preço das aguas, incluindo a garrafa:— 1/4 de litro 30 reis;
1/2 litro 150 reis; 1 litro 200 reis.

Depositos principaes em Lisboa: Pharmacia Freire de Andrade
& Irmão; Antonio C. de Meneses, rua Aurea, 169; More ra da Motta
& C.ª, rua dos Fanqueiros, 184, 1.º e Pharmacia Franco Filhos, Be-
lom.

VINHO NUTRITIVO DE CARNE

Muito util na convalescença de todas as doen-
ças, quando é preciso levantar as forças. É hoje
muito usado ao *Lunch* e ao *Tea*, especialmente
por todas as pessoas de constituição fraca, e que
têm a peito a conservação da sua vida. Foi pre-
miado com as medalhas de *ouro* nas exposições
industrial de Lisboa, e universal de Paris. Um
calix d'este vinho representa um bom *breakfast*.

DEPOSITO GERAL

Pharmacia Franco, Filhos



NAO INDUZEM O HABITO DAS DROGAS

Tabletas de Antikamnia

OPPOSTO A DOR

(PASTILHAS DE ANTIKAMNIA)

ANALGESICO, ANTIPIRETICO, ANODINO

O NOME por si indica o que são
"Tabletas de Antikamnia" e
quaes os seus caracteristicos
medicinaes:—Anti (do Grego *Anti*),
opposto a, e Kamnia (do Grego
Kamnos), *Dôr*: Logo "Antikamnia"
(*Opposto a Dôr*)—um remedio para
alliviar dôres e padecimentos.

"As dôres de cabeça de toda
especie cedem ao seu effeito benéfico
e curativo, e, como n'essa classe de
males a dôr é não só o symptoma
como tambem a propria molestia, as
Tabletas de Antikamnia são o ver-
dadeiro remedio applicavel em taes
casos.

"Ao administrar remedios que
alliviam dôres, o elemento excitante
deve ser tomado em consideração,
pois muitos produzem sensações deli-
ciasas que os tornam attraentes e
perigosos. Tal coisa não se dá com
as Tabletas de Antikamnia. Esse remedio é sim-
plesmente um allivio á dor—não um estimulante—



Confiança

não uma bebida embriagadora, e
não predispõe o paciente a sonhos e
pensamentos ephemericos que parecem
distrahir-o dos cuidados da vida.
Apenas produz o repouso, tran-
quiliza os nervos, renova a dôr, e
o allivio é prompto e suave.

"A dose para adultos, é de duas
tabletas esmigalhadas e seguidas
d'um gôlo d'agua ou de vinho. É
o remedio para *Dôr de Cabeça*, *Neu-
ralgia e Grippe*. Como preventivo
contra as dôres periodicas de que
soffrem as mulheres, são de effeito
benéfico incalculavel, sem o perigo
de más consequencias. Se a dôr é
no lado inferior do fígado, ou do
ventro, ou se for dôr de cabeça, no
lado, nas costas ou qualquer outra
dôr causada pela suppressão ou ir-
regularidade de menstruação, a dose é
de duas Tabletas de Antikamnia.

Esta dose pode ser repetida dentro de uma ou duas
horas, sendo necessario."—*"L'Union Médicale."*

As verdadeiras Tabletas
de Antikamnia têm sem-
pre o monogramma.

AK

À Venda em Todas as
Principaes Pharmacias e
Drogarias.

Companhia Chimica de Antikamnia

CASAS
1622-1624 Pine Street, ST. LOUIS, MO., E. U. A.
46, Holborn Viaduct, LONDRES, Inglaterra
5, Rue de la Paix, PARIS, França

Deposito em Lisboa—Vicente Pimentel & Quintans—Rua da Prata, 194

BIBLIOGRAFIA

CÚCIO FRADA, João José, História, Medicina e Descobrimientos Portugueses, Revista ICALP, vol. 18, Dezembro de 1989, p. 63-73.

ESPERANÇA PINA, Madalena, Traços da Medicina na Azulejaria de Lisboa; Caleidoscópio_Edições e Artes Gráficas, SA: Casal de Cambra, 2010.

LIMBOS, Paul, O Papel da Imprensa Médica nos Países em Vias de Desenvolvimento, Separata de *O Médico*, 863: Porto, 1967.

LOBO ANTUNES, João, Egas Moniz, uma biografia, Gradiva: Lisboa, 2010.

MARIANO VELOSO, Lúcia; MOTTA DE SOUSA, José Manuel, Publicações Periódicas Existentes na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, Biblioteca Geral da Universidade: Coimbra, 1983.

MATTOSO, José, História de Portugal, Quinto Volume, Editorial Estampa: Lisboa, 1992.

NUNES, Maria de Fátima, A Imprensa especializada na segunda metade do século XIX em Portugal, Estudos de Homenagem a Luís António de Oliveira Ramos, Faculdade de Letras da Universidade do Porto: Porto, 2004, p. 797-804.

PIRES, José Cardoso Pires, Lisboa, Livro de Bordo, Dom Quixote: Lisboa, 1998.

PIZARROSO QUINTERO, Alejandro, PENA RODRIGUEZ, Alberto, “História da Imprensa”, Planeta Editora: Lisboa, 1996.

TENGARRINHA, José, História da Imprensa Periódica Portuguesa, Editorial Caminho: Lisboa, 1989.

TORRES PEREIRA, Artur, SILVEIRA BOTELHO, Luís, SOARES, Jorge, A Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa e os seus presidentes (1835-2006), Fundação Oriente: Maia, 2006.

VERÍSSIMO SERRÃO, Joaquim, História de Portugal – volumes V, IX, Editorial Verbo: Lisboa, 1977.

VILLARINHO, Luísa, Um Médico no Chiado: Salvador Vilarinho Pereira, L. Vilarinho: Cacém, 1982.

WOLF, Mauro, Teorias da Comunicação, Editorial Presença: Barcarena, 2003.

A Medicina Contemporânea, edições de 1883, 1897, 1900, 1906, 1910, 1949, 1955, 1974.

Diário de Noticias, edições de 1897, 1906, 1910, 1949, 1955.

O Século, edições de 1897, 1906, 1910, 1949, 1955.